anxoa
91-B
23227

AUGUSTO FILIPPE SIMÕES

RELIQUIAS DA ARCHITECTURA ROMANO BYZANTINA

RELIQUIAS

DA

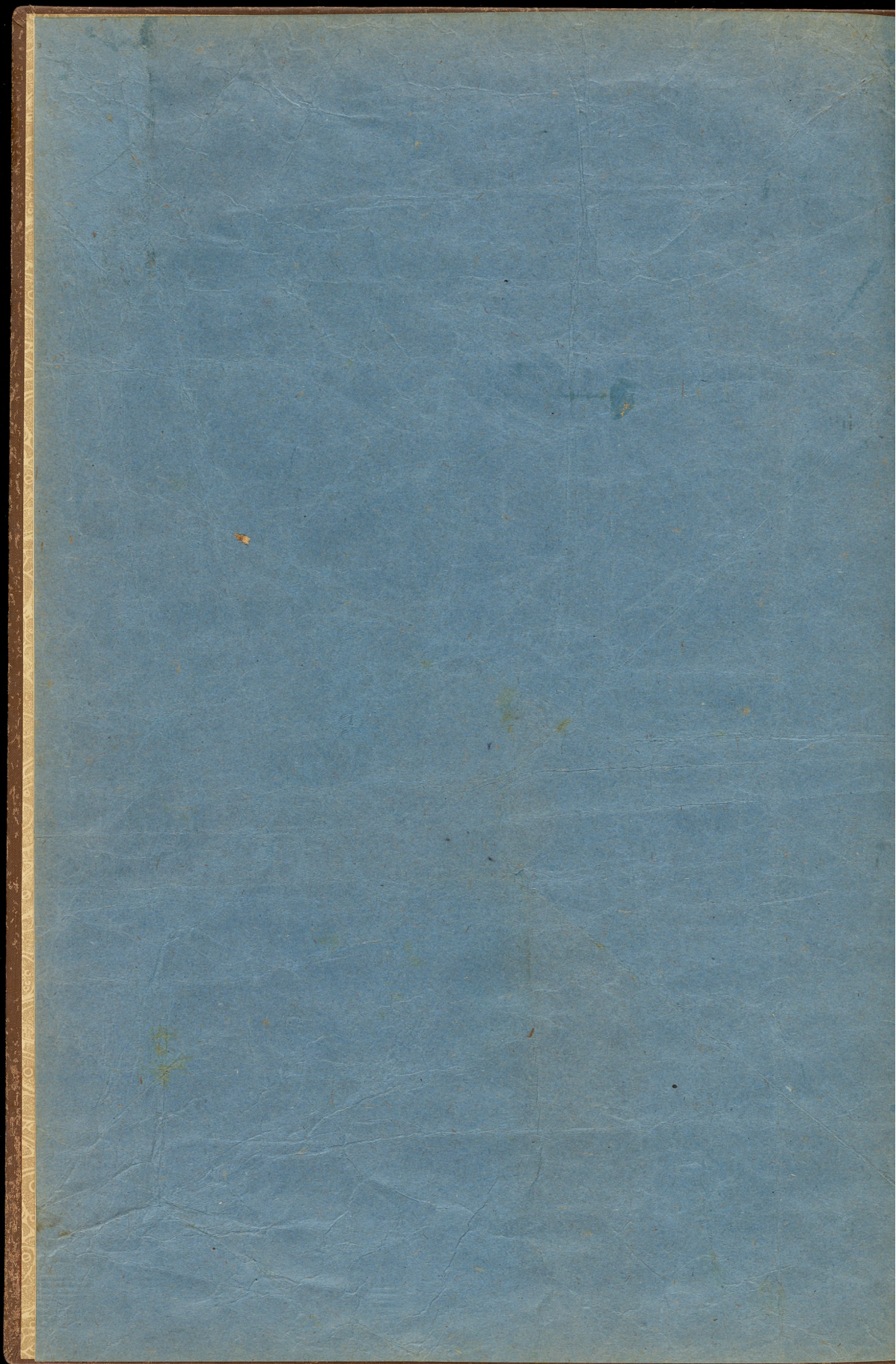
ARCHITECTURA ROMANO-BYZANTINA

EM PORTUGAL

E PARTICULARMENTE NA CIDADE DE COIMBRA

COM QUATRO ESTAMPAS

POR

AUGUSTO FILIPPE SIMÕES

LISBOA

TYPOGRAPHIA PORTUGUEZA

Travessa da Queimada, 35

1870

RELIQUIAS

DA

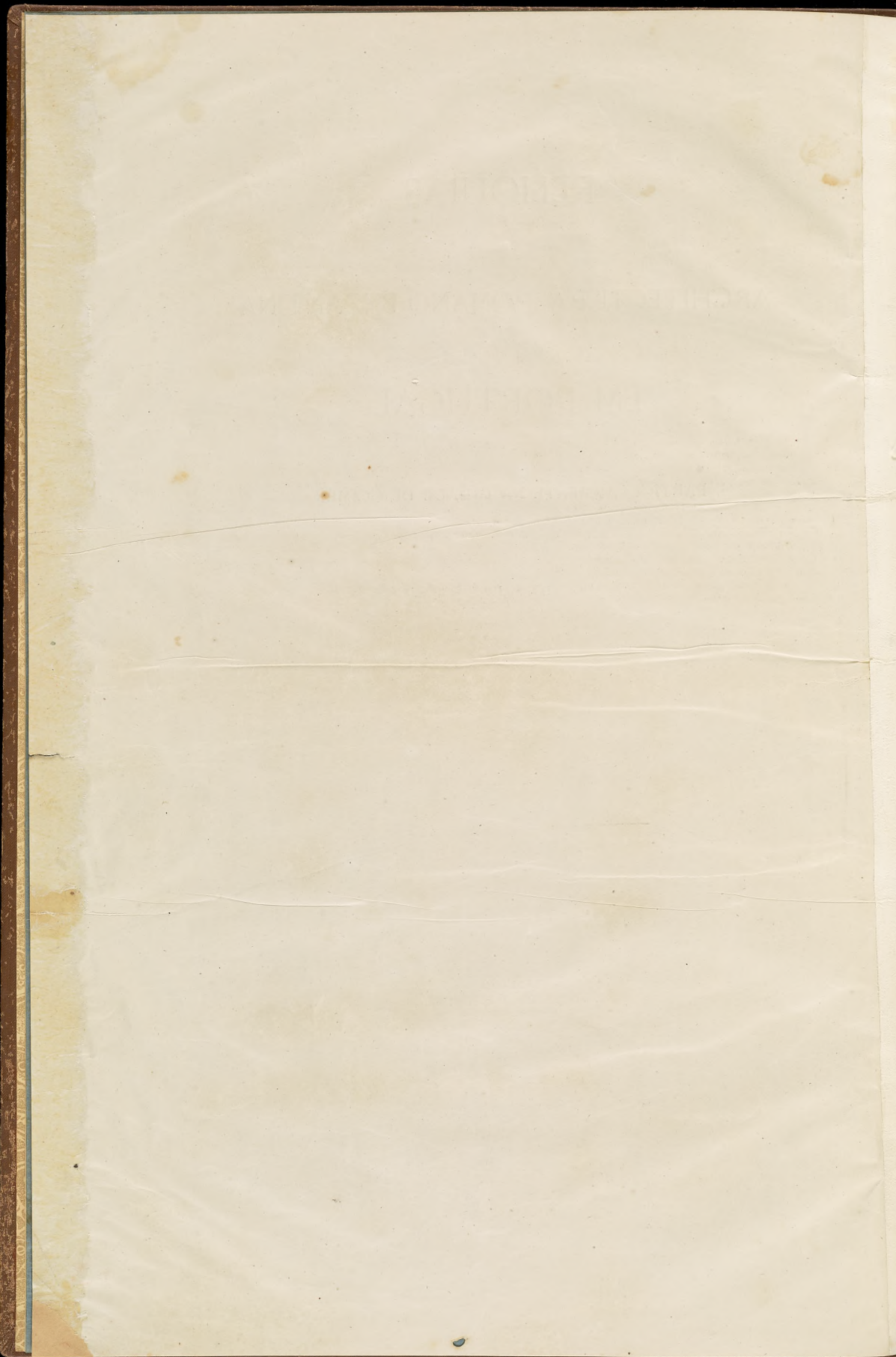
ARCHITECTURA ROMANO-BYZANTINA

EM PORTUGAL

E PARTICULARMENTE NA CIDADE DE COIMBRA

POR

AUGUSTO FILIPPE SIMÕES

LISBOA
TYPOGRAPHIA PORTUGUEZA
Travessa da Queimada, 35
1870

Á CIDADE DE COIMBRA

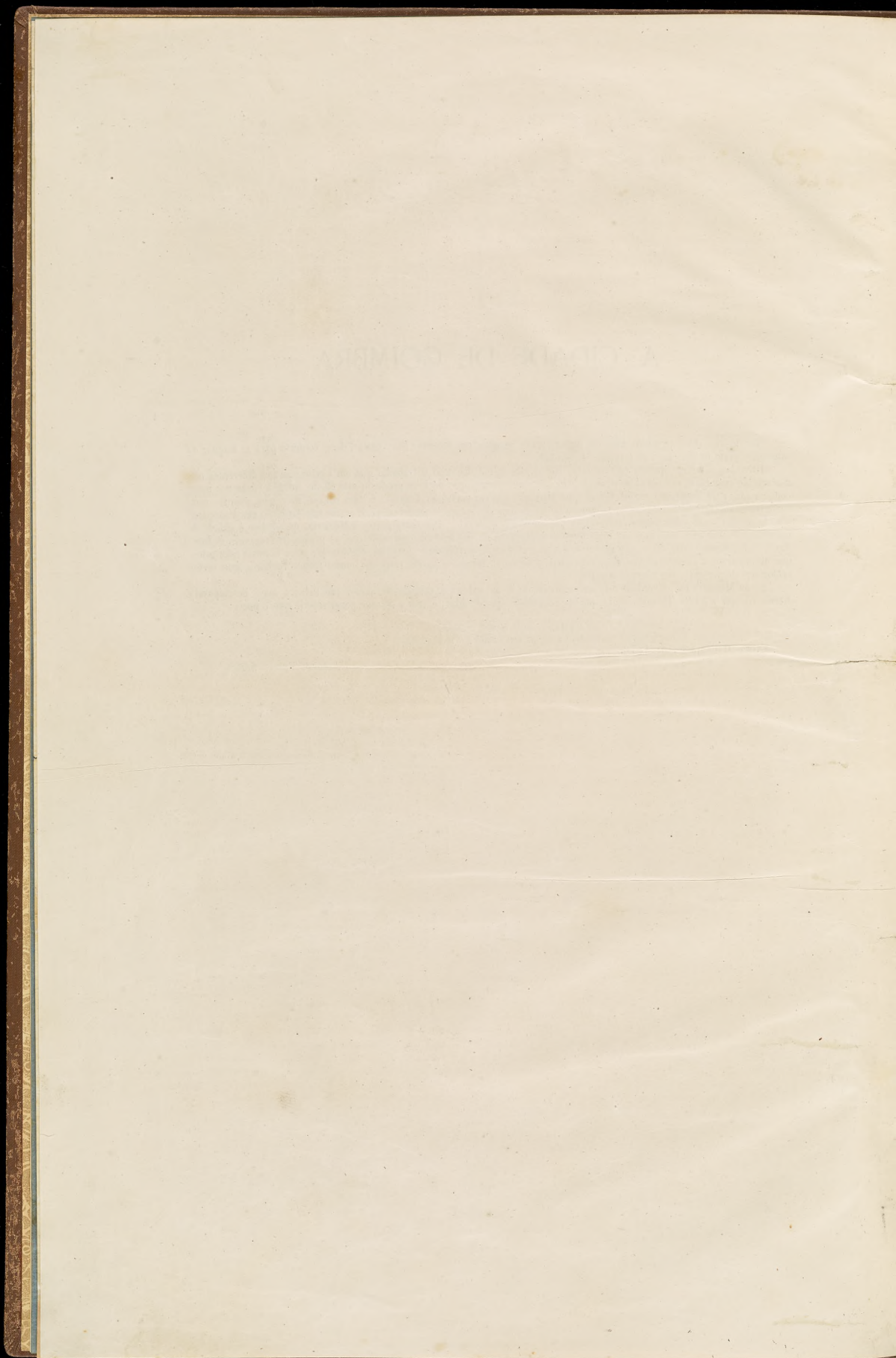
Nos longos dias, passados fóra da patria, achei sempre, em recordar suas coisas, doce conforto para as maguas da ausencia, grato lenitivo para os espinhos da saudade.

Recordando-me em quanto escrevi estas linhas, fez-se-me deleitoso o trabalho que em circumstancias differentes não deixaria de custar-me, por enfadoso e pesado. O mesmo sentimento, que em mim produziu este effeito, influirá talvez nos meus compatriotas para lerem sem maior fadiga uma Memoria que em particular interessa á terra em que nascemos, pois lhe conserva os mais antigos brazões de suas glorias artisticas, uns dos quaes se perderam já, e outros não tardarão em desapparecer do mesmo modo aos golpes inexoraveis do camartello destruidor. Por outra parte, a Memoria, que dedico á cidade de Coimbra, illustra uma das epochas mais remotas e obscuras da sua historia; persuade com as provas irrefragaveis, deduzidas do adiantamento das artes, que serviu de berço á civilisação portugueza; patentêa, emfim, que esses homens esforçados, que alevantaram o glorioso edificio da independencia nacional, foram, a varios respeitos, muito menos barbaros que certos apologistas do presente, que assim os reputam.

Se na Memoria ha na verdade esta importancia, ou se me engana a vaidade de auctor (de todas a mais desculpavel) dizei-o vós que a lerdes. De outra coisa, porém, não tendes que duvidar; e vem a ser que posso repetir com o poeta:

> Eu d'esta gloria só fico contente
> Que a minha terra amei e a minha gente.

Evora, 6 de junho de 1870.

AUGUSTO FILIPPE SIMÕES.

INTRODUCÇÃO

Architectura dos povos mais antigos, dos indios e egypcios, dos gregos e dos romanos.—Origens da architectura christã.— Basilicas e sua transformação em egrejas.—Architectura christã no Oriente.— Constituição do estylo byzantino.— Seus caracteres.— Architectura christã no Occidente.— Constituição do estylo romano-byzantino. — Seus nomes, caracteres, origem e diffusão. — Architectura christã na Peninsula. — Vestigios da arte wisigothica em Hespanha e Portugal. — Explicação de sua extrema raridade. — Estylo romano-byzantino das Asturias. — Superioridade da architectura peninsular em relação á das Gallias até ao seculo XI.—Desenvolvimento das artes no seculo XI na Europa e particularmente na Hespanha durante o reinado de Affonso VI.—Influencia dos artistas francos na architectura romano-byzantina da Peninsula.

A architectura dos primeiros povos foi muito irregular e defeituosa.

Não podiam as artes, productos perfectiveis da intelligencia humana, annunciar logo na infancia as galas e primores que ostentaram na adolescencia, porque, assim como a criança no berço não mostra o que ha de vir a tornar-se depois, assim a humanidade no principio mal prometteu seus futuros desenvolvimentos. E, da mesma sorte que o homem á entrada da vida não tem caracteres muito differenciaes, sendo que todos os infantes se parecem, assim tambem nas origens dos povos se assimilharam, em todos elles, as artes, o commercio, a industria e outras manifestações ou effeitos do estado social.

Apesar da differença de raças, da variedade de tempos e de logares, teem os monumentos mais antigos por caracter commum o serem feitos de pedras enormes, umas vezes sómente juxta-postas, outras vezes cimentadas, porém sem elegancia, quasi sem arte. As antas dos celtas, os tumulos e acropoles dos povos pelasgicos, as muralhas torreadas dos assyrios e babylonios trazem á lembrança, pelo desmedido e desproporcionado de suas fabricas, aquelles typos disformissimos de animaes e plantas que a natureza, á maneira de ensaio, creou em epochas remotas, para depois lhes quebrar os moldes e substituir-lhes os de agora mais perfeitos e regulares.

A architectura dos indios e dos egypcios é desgraciosa ainda. Todavia os elementos architectonicos começam de apparecer com fórmas geometricas nas construcções colossaes das margens do Ganges e do Nilo. Os esboços das vastas columnatas, que mais tarde haviam de engrandecer os edificios gregos e romanos, e a imitação da figura humana e de animaes verdadeiros ou phantasticos nas moles de pedra, dão uma feição particular e bem definida á architectura d'aquelles povos.

Onde, porém, a arte primeiro ostentou desaffectada grandeza, naturalidade graciosa e peregrina perfeição foi nas regiões afortunadas da Grecia, em quanto debaixo do seu puro ceo germinaram e floresceram as mais puras idéas. A cabana, que o scyta construira nos ferteis campos da Dodonia com os troncos de arvores seculares, parece o typo primordial, a origem fecunda d'essa nobre architectura, cujos admiraveis monumentos os povos, quando se civilisam, tomam para modelos. Do tronco, posto horisontalmente sobre outros verticaes, resultaram, dizem, a architrave e as columnas, partes mais importantes e mais caracteristicas dos monumentos gregos. Dos ornatos collocados nos cimos das traves, que sustentavam os tectos das cabanas, derivou, accrescentam, a invenção dos capiteis. Entretanto, já os egypcios usavam nas columnas de seus edificios capiteis adornados de flores de lodão, de folhas de papyro e de palmeira.

Os romanos perfilharam a architectura grega com as suas tres ordens dorica, jonica e corinthia. Fizeram-lhe, porém, alterações notaveis, em razão não sómente das origens etruscas, mas tambem das condições peculiares da civilisação de Roma e da opulencia de um povo que avassallou os outros povos da terra. Além d'aquellas tres ordens, herdaram da Etruria a toscana, bem como a arte de construir arcos e abobadas, com que mais em particular distinguiram seus edificios dos da Grecia. Combinando os elementos das quatro ordens referidas, formaram ainda uma outra a que deram o nome de *composita*.

A architectura romana não tem, pois, um caracter essencial e proprio, como a egypcia ou a grega. Resultou da fusão de estylos differentes da mesma sorte que as leis, os costumes e a religião. Roma era um cadinho monstruoso, onde se fundiam e misturavam os elementos heterogeneos de todas as sociedades do mundo, sem que o fogo sagrado, que ardia nos altares da deusa das nações, tivesse força para destruir os germens de corrupção, que mais tarde haviam de infamal-a e destruil-a. De todos esses influxos estranhos na religião, nas sciencias, nas lettras e nas artes o maior foi o da Grecia, por de mais alto vir dirigido. Na architectura, portanto, predominou o elemento grego sobre todos os outros. Porém, aos edificios alterosos, que fizeram da capital do imperio a mais vasta e magestosa das cidades do mundo, e de suas colonias outras tantas imitações da metropole, aos templos, aos amphitheatros, ás basilicas, ás thermes, aos aqueductos, aos *forums*, ás naumachias, admiraveis por sua grandeza, sumptuosidade e solidez, faltou-lhes a graciosa elegancia, a perfeição clara e simples dos monumentos gregos.

Os romanos careciam de genio artistico. Ricos dos despojos dos paizes conquistados, cultivaram as artes por amor da ostentação e não por aquelle puro e nobre sentimento, que a natureza põe nos corações dos povos escolhidos. Depois de conquistarem a Grecia aproveitaram-se, é verdade, dos artistas gregos para as suas edificações. Mas o genio da arte cahira com as muralhas de Athenas, e os architectos, longe da patria e entre seus proprios conquistadores, não podiam traçar os planos grandiosos e executar as obras

sublimes, que sómente se geram ao sol da liberdade, accendradas no fogo sagrado do amor da patria.

No tempo de Augusto, tendo decorrido pouco mais de um seculo depois da conquista da Grecia, a architectura greco-romana, que assim com razão a denominam, chegou ao auge da opulencia. Foi então que tanto na metropole, como nas principaes provincias do imperio, se ergueram innumeros edificios de notavel sumptuosidade. A esta epocha, porém, seguiu-se outra de rapida decadencia. Perdidas as grandes idéas nos crimes e devassidões de Nero, Commodo, Caracala e outros imperadores, perderam tambem os artistas o segredo das grandes concepções. Acanhados e imperfeitos nos planos dos edificios cingiam-se unicamente aos accessorios e minuciosidades, sobrecarregavam as paredes de ornatos e de esculpturas e não punham em suas obras senão a grandeza da vastidão e a perfeição das decorações.

Em quanto o imperio romano, a estorcer-se nas vascas de sua lenta agonia, dava aos povos espectaculos de miserias, depois de lhes ter offerecido as maiores ostentações da opulencia, uma luz viva e brilhante irradiava das trevas das catacumbas, surgia das ruinas do velho mundo um mundo novo, uma religião toda de paz e de caridade promettia dos homens mais do que os homens haviam de dar. As raizes do christianismo cresciam e dilatavam-se por entre os encarniçamentos das perseguições e os horrores dos martyrios. Os que mais a flagellaram, Domiciano, Decio, Aureliano, Diocleciano e Licinio, foramos que, sem o quererem, mais contribuiram para a exaltar. A multidão dos inimigos, a desvantagem da lucta, as oppressões dos ricos e poderosos prepararam-lhe a sublimidade do triumpho.

Porém, a nova religião que, mais tarde, na edade media, tinha de imprimir caracter á architectura e de produzir os seus mais notaveis monumentos, de nenhum modo podia influir n'esta arte no espaço dos tres primeiros seculos, em que duraram as perseguições dos imperadores. Os christãos reuniam-se a occultas nos ermos das ruinas ou nas solidões das catacumbas para celebrar os mysterios religiosos; e, quando adversarios e inimigos lhes lançavam em rosto o não alevantarem templos ao Deus que adoravam, respondiam que para Aquelle, que não cabe em todo o universo, mais valiam os altares de seus corações que as maiores casas, que podessem edificar-Lhe sobre a terra. Resposta admiravel, que abrange em brevissimas palavras toda a vastidão de uma grande philosophia.

Alguns antiquarios, e em particular Ciampini, pretenderam demonstrar a existencia de egrejas christãs anteriores ao tempo de Constantino. Se as houve, não restam d'ellas ruinas ou memorias que nos esclareçam ácerca de sua architectura. O que passa por mais averiguado é que no seculo IV aos bispos de Roma, favorecidos já com a protecção imperial, se permittiu o escolherem d'entre os edificios publicos aquelles, que mais proprios achassem para o culto religioso. Mereceram a preferencia as basilicas, que por sua grande capacidade podiam conter o povo que o christianismo admittia á celebração de seus mysterios, ao contrario do paganismo, cujos templos sómente se patenteavam aos sacerdotes, aos sacrificadores e a certos iniciados. Algumas basilicas, porém, taes como as de Latrão, de Santa Ignez, de S. Pedro, de S. Lourenço e de S. Paulo, foram edificadas de proposito por Constantino para honrar a religião a que se convertera.

As antigas basilicas romanas serviam de tribunaes e de mercados. Contrastava sua extrema simplicidade com a magnificencia de todos os outros edificios. Careciam no exterior de marmores, de columnas, de archivoltas, de esculpturas, de todos os ornatos de que os romanos carregavam com mão prodiga os monumentos da architectura. Repartiam o vasto recinto de cada uma d'estas casas duas series longitudinaes de columnas em tres naves. Algumas, como a Ulpiána tinham cinco. Ás naves, onde se juntava o povo, seguia-se um espaço indiviso e rectangular, destinado para os advogados, escrivães e outros officiaes de justiça. Chamava-se *transseptum*. Mais adiante e em frente da nave central havia um espaço semicircular, coberto por uma abobada, com a fórma e nome de *hemicyclo*. Este semicirculo, onde estava a cadeira do juiz, denominava-se *apsis*, *absis* ou *abside*. Por cima das naves lateraes havia galerias, que se abriam de um e de outro lado na central, mais alta e mais larga do que as outras. Ornavam e dividiam estas galerias columnas em correspondencia com as inferiores e no mesmo plano vertical, porém mais pequenas e delgadas. Os tectos eram de madeira.

Por uma estranha singularidade, as basilicas tinham interiormente a fórma de cruz. A nave central e o abside representavam a haste, o transepto os braços. Nas edificações dos templos christãos empenharam-se quasi sempre os architectos em fazer ainda maior a similhança. Todavia, não é somente n'esta disposição geral que as egrejas antigas do Occidente e ainda as modernas se parecem com as basilicas romanas. A capella-mór é o abside, onde o bispo occupou a cadeira do juiz, pois nos templos primitivos o logar do prelado era no sitio do altar-mór. Ao transepto corresponde o cruzeiro, espaço primeiramente destinado para clerigos e cantores. A parte restante da basilica, onde era o logar do povo, conservou na egreja a mesma forma rectangular e a mesma repartição em naves por fileiras de columnas. N'alguns templos sobrepozeram-se tambem ás da nave central outras mais pequenas para sustentar, como nas basilicas romanas, os tectos das galerias construidas em cima das naves lateraes. Tal foi a origem do *triforium* que se vê em quasi todas as cathedraes anteriores ao seculo XIV, e que se conservou tambem mais ou menos alterado em boa parte das antigas sés de Portugal, apesar das reconstrucções, que pouco lhes deixaram das primitivas fabricas.

Constantino, tendo reinado por dezeseis annos em Roma e desejando dar ao imperio uma nova capital, onde consolidasse desassombradamente o poder absoluto, mudou em 328 a sede dos Cesares para Byzancio, a que deu um nome derivado do seu proprio. O vencedor de Maxencio engrandeceu a nova cidade com palacios, banhos e egrejas para cuja edificação levou artistas de Roma. E não somente a esta cidade, mas tambem a outras da Italia, Grecia e Asia despojou de muitas de suas obras primas, que fez transportar a Constantinopla, para a adornar com monumentos mais perfeitos, que os que lhe promettia a arte degenerada d'aquelle tempo.

Suppõe-se que as egrejas, que o imperador de novo construiu seriam á maneira das basilicas latinas com seus tectos de madeira, pois que por mais de uma vez devoraram as chammas o magnifico templo de Santa Sophia. É comtudo certo que n'outras cidades do Oriente, onde o christianismo se desenvolvera menos avexado e opprimido que em Roma, encontrou o fundador de Constantinopla egrejas anteriores á sua conversão e de estylo differente do latino. Os escriptores não nos deixaram mais que a memoria da existencia d'esses monumentos, da sua conservação em tempo de Constantino e de uma particularidade da sua architectura, o terem grandes cupulas. Comquanto nos faltem hoje noticias circumstanciadas de taes egrejas, as mais antigas do christianismo, razões ha para crer que, em sua fabrica, apparecessem já, com o das cupulas, outros caracteres de um estylo differente dos conhecidos.

A historia ainda não apurou bem as origens d'este estylo. Diz-se vagamente que resultara das alterações do grego pelos influxos da architectura indica e persica. Attribuem-se á corrupção da arte classica pela rica e insciente phantasia dos povos orientaes as magnificas e extensas edificações de Balbeck e de Palmyra, que datam do seculo II ou do III. O novo estylo, porém, formava-se, desenvolvia-se, caracterisava-se lentamente.

A mudança da capital do imperio deu-lhe novos elementos para melhor se constituir e aperfeiçoar, de modo que no seculo VI o vemos já bem manifesto e definido na egreja de Santa Sophia, reedificada com admiravel sumptuosidade por Justiniano, e modelo das egrejas que depois se construiram no Oriente e até de algumas, ainda que poucas, do Occidente, onde se conservou, em geral, o estylo romano mais ou menos alterado.

Deu-se o nome de *byzantino* a esse estylo oriental, que se distingue por duas ordens de caracteres: uns concernentes ao plano e disposição geral dos edificios; outros á decoração e ornamentos. A

fórma das egrejas não é a das basilicas, porém a da cruz grega, feita de naves differentes, que se interceptam no meio de um vasto quadro, onde deixam um espaço oval ou circular coberto por uma alta cupula, estribada em pilares de grande altura. N'algumas os dois lateraes, ou todos os quatro braços, são cobertos por outras cupulas, menores que a central.

Os frontispicios das egrejas, posto que de architectura muito simples, distinguem-se por alguns ornatos e molduras ao gosto do Oriente e tambem pela linha horisontal que os termina, em vez do angulo, que nos templos de estylo diverso, corresponde á inclinação dos telhados. As portas e janellas são altas e estreitas, de volta redonda, umas singelas, outras geminadas. Nas paredes veem-se commumente assentos de tijolo alternados com outros de pedra. N'alguns edificios acham-se ornatos exteriores feitos de tijolo de varias fórmas. O que, porém, mais distingue o estylo byzantino são os capiteis impropriamente chamados cubicos e que, em verdade, representam pyramides quadrangulares troncadas com as bases voltadas para cima. Em geral cobrem os capiteis folhas agudas ou linhas entrelaçadas; entretanto alguns ha com as faces de todo lisas, nas quaes a pintura substituiu a esculptura.

O estylo byzantino não ficou circumscripto nas regiões orientaes, onde teve seu principio e desenvolvimento. Passou intacto ou com pequenas modificações á Italia do norte, e d'ahi, como veremos, estendeu seu influxo até ás partes mais remotas da Europa. As emigrações dos artistas e as relações primeiro dos lombardos, depois dos outros povos europeus, no segundo periodo da edade media, com o imperio do Oriente explicam-nos este facto importante da historia da architectura.

Em quanto o estylo byzantino se desenvolvia no Oriente, predominava no Occidente a architectura romana, corrompida pela acção prolongada dos barbaros, não menos incapazes de substituir um estylo novo ao que se lhes deparou nos paizes que invadiram, que de lhe conservar a este a sua pureza primitiva. Depois accresceu outra causa modificadora. Foi a influencia do estylo byzantino.

É condição indispensavel para a acceitação e diffusão de qualquer estylo, que o paiz, em que tenha de diffundir-se, seja capaz de o comprehender e apreciar. Todo o estylo representa sempre a civilisação que o produziu, e jámais um povo recebe um só effeito d'essa causa, ou uma só das fórmas por que se manifesta. A importação de uma architectura ou de algum de seus processos é precedida pela dos artefactos, em que apparecem as feições particulares do estylo. Assim, para que em qualquer parte da Europa se vulgarisassem as caprichosas figuras e folhagens dos capiteis byzantinos, era indispensavel que as peregrinações á Terra Santa e as viagens dos mercadores introduzissem n'essa parte os tecidos, os ornatos, e as esculpturas, fabricadas segundo o mesmo estylo da architectura. Esta havia finalmente de diffundir-se e generalisar-se, depois que aos olhos não repugnassem as suas fórmas essenciaes e feições proeminentes.

Tres elementos concorreram, por tanto, para a constituição da architectura christã, usada no Occidente até ao seculo XIII; o estylo romano, a corrupção dos barbaros e as influencias byzantinas. A essa architectura notavel, variamente designada pelos nomes de *romã, saxonia, byzantina, lombarda, gothica-antiga, normanda, carlovingiana*, etc., deram os archeologos modernos a denominação mais racional de *romano-byzantina*.

Com quanto se fundissem intimamente os dois estylos, observa-se que, em geral, na fórma e disposição dos edificios predominou o elemento romano e na decoração o byzantino. Nas egrejas construidas na Europa central até ao seculo X os caracteres architectonicos não se acham ainda bem definidos. E' grande a incorrecção dos capiteis, dos entablamentos, das arcadas e das outras partes. Apparecem raras vezes as abobadas e as torres, e nenhumas os gigantes, os corucheus e os campanarios. Todavia, depois do anno de 1000, melhor constituida a sociedade christã do centro da Europa, estabelecidas relações mais intimas e mais duradoiras com o Oriente, as artes desenvolveram-se, a architectura aperfeiçoou-se nos ocios da paz e o estylo romano-byzantino appareceu com os seus caracteres distinctivos, como já antes se manifestara em algumas partes da Italia mais proximas de Constantinopla.

D'esses caracteres, uns respeitam ao plano e disposição geral dos edificios, outros pertencem á decoração. A fórma das egrejas é a das basilicas. O cruzeiro, que falta n'algumas do primeiro periodo (desde o seculo VI até o seculo XII), durante o segundo e terceiro alonga-se a uma e outra parte.

As naves lateraes prolongam-se á roda do côro no abside e formam o *deambulatorium* ou charola. Em quasi todas a capella-mor olha ao nascente e a porta principal ao poente. As arcadas, as janellas e as portas são commumente de volta redonda. Os arcos estribam-se em columnas ou em pilares feitos de muitas columnas. Ha grande variedade nas bases, fustes e capiteis. As primeiras são, em geral, singelas; os segundos alongados; os terceiros historiados, ou sem outro ornamento mais que as folhas. As cornijas apoiam-se em carrancas ou modilhões com figuras extravagantes e phantasticas. As abobadas são de ordinario cylindricas, reforçadas por meio d'arcos salientes. Acham-se algumas angulares e de berços encruzados. Nas fachadas de muitas egrejas veem-se porticos profundos, cujos umbraes são ornados com columnatas. As meias portas ou batentes chegam sómente até ás empostas dos arcos. O restante, em cima, tapa-o uma peça semicircular de pedra, chamada tympano, em que se vê esculpido algum symbolo de religião. Muitas vezes guarnecem as janellas, de grandeza mediana, columnelos com capiteis cobertos de folhas. Umas são simples, outras geminadas, outras agrupadas tres a tres. No fim da epocha romano-byzantina começam a apparecer os oculos ou espelhos, por cima das portas. As egrejas mais antigas carecem de gigantes. Veem-se, porém, com frequencia nas que se construiram desde o seculo XI até ao seculo XIII, ora totalmente cingidos com as paredes, ora destacados em parte e adornados com columnas e com campanarios quadrangulares.

Os muitos nomes, com que teem designado o estylo romano-byzantino, derivados de varios povos, mostram commum incerteza ácerca da sua origem. Entretanto razões ha ponderosas para crer que este estylo teve seu principio nas terras do norte da Italia e que, por conseguinte, d'entre aquelles nomes o de *lombardo* é o mais verdadeiro. Com effeito, para a formação do estylo romano-byzantino, concorreram, como já dissemos, tres elementos diversos: a architectura romana, a corrupção effeituada pelos barbaros e a architectura byzantina. Ora em parte nenhuma da Europa encontramos anteriormente ao seculo XI todos esses tres elementos, senão na Lombardia. Desde o tempo de Constantino que n'esta parte da Italia se construiram egrejas segundo o estylo romano; e logo no seculo VI, estando ainda incompleta a egreja de Santa Sophia em Constantinopla, se edificou outra do mesmo plano em Ravena, dedicada a S. Vital. No centro da Lombardia, em Milão, ao lado das basilicas dos seculos IV e V se ergueu a magnifica egreja byzantina de S. Lourenço.

Introduzido o novo estylo, as relações mantidas entre o norte da Italia e Constantinopla por um lado, e por outro lado com Roma fizeram logar a que se adoptasse nas edificações religiosas ora a architectura romana, ora a byzantina, e a que, postas constantemente em face uma da outra, se fundissem e alterassem. Assim nasceu, pois o estylo romano-byzantino na Italia septemtrional; e, se alguem ha que duvide d'esta verdade, não tem mais que comparar os monumentos do seculo XI de qualquer região da Europa com os coevos, ou ainda anteriores do norte da Italia, para se convencer de que, por muito mais perfeitos, denotam maior adeantamento e, consequentemente, mais remota origem da arte que os produziu. Por outra parte, como já mostrámos, o estylo byzantino não podia introduzir-se senão em terras ligadas por intimas relações com o Oriente. Ora, até ao seculo X só a Italia esteve n'esse caso, porque as outras nações da Europa, precipitadas pela queda do imperio romano n'uma anarchia quasi continua, conservaram-se, pela maior parte, até áquelle tempo em circumstancias incompativeis com o desenvolvimento do

commercio e das artes. Depois, quando, relacionadas com o Oriente, chegaram a apreciar e a comprehender a civilisação byzantina, não crearam de novo, porque já se tinha formado na Lombardia, porém facilmente de lá receberam o estylo romano-byzantino. Trazido pelos monges lombardos, passou os Alpes e espalhou-se na Borgonha e na Normandia e d'ahi pelo resto da França. Foi introduzido na Inglaterra depois da conquista dos Normandos, e appareceu na Allemanha desde o fim do seculo x. [1]

Na Peninsula não subsiste de pé um só edificio do tempo da monarchia wisigothica e anterior á invasão dos arabes, no anno de 714. Restos d'essa epocha, aproveitados em construcções posteriores ou sepultados no solo, rarissimos teem apparecido, ao contrario dos vestigios dos seculos antecedentes, que por toda a parte attestam a opulencia e a perfeição da arte romana. D'ahi resultou o terem geralmente os wisigodos de Hespanha por uns barbaros, se não em tudo, pelo menos na architectura e na esculptura. O proprio Romey os declara com muito menos vocação para as bellas-artes que os ostrogodos da Italia, reputando-os, porem, superiores a estes nas lettras e na agricultura [2]. A opinião tal se oppõe o testemunho dos auctores coevos e melhor ainda os capiteis que ficaram da egreja de Santa Leocadia, que el-rei Sisebuto mandou edificar em Toledo. As reflexões com que D. Manuel Assas acompanhou as estampas que deu d'estes capiteis, serviram a Caveda para provar concludentemente não serem romanos, porem posteriores ao seculo IV e anteriores ao seculo VIII. E, alem d'esses vestigios, cita o mesmo Caveda outros que em Hespanha tem apparecido da mesma epocha [3]. Hoje temos novas provas do adiantamento artistico dos wisigodos nas esplendidas corôas achadas em 1858 n'um campo de Guarrazar, não longe de Toledo [4]. Tanto estas corôas, todas de oiro massiço e engastadas de perolas e pedraria, como a de Suintilla, que apparecera trinta annos antes, são lavradas com perfeição e gosto ao modo byzantino, e, de qualquer forma que se considerem, não podiam pertencer a um povo sem civilisação e sem cultura correspondente das outras artes. Nem por outra parte é crivel que taes primores da esculptura e tão ricos fossem feitos para collocar em templos de madeira ou de pedra e barro. E, assim como em nossa custodia dos Jeronymos vemos representado o estylo de Belem e no oratorio tomado por D. João I em Aljubarrota o estylo da Batalha, assim tambem por aquellas notaveis reliquias da ourivesaria wisigothica poderemos saber o genero da architectura contemporanea, que era a romana degenerada por varias causas e sobretudo pelos influxos byzantinos.

Em Portugal são mais raros ainda que na Hespanha os vestigios da esculptura gothica. Alem das inscripções, que, por falta de lavores, nada provam, sómente sabemos dos fragmentos achados em Chellas, perto de Lisboa, no sitio em que havia no tempo dos romanos, conforme é tradição, um templo de Vesta, e no seculo VII um mosteiro de S. Felix e Santo Adrião [5]. Aquella circumstancia e a similhança da esculptura romano-byzantina, em seus principios, com a romana, fizeram persuadir que taes fragmentos seriam antes productos d'esta ultima arte. Um d'elles representa leões a devorar palmas; no outro veem-se um pegaso e um gripho circumdados de festões de folhagem. A complicação e profusão das folhas, que servem de ornatos, e a incorrecção dos desenhos, particularmente do pegaso e do gripho, levam-nos a duvidar da opinião que attribue á epocha dos romanos estas curiosas antigualhas. Por outra

[1] Dartein: *Étude sur l'architecture lombarde et sur les origines de l'architecture romano-byzantine*. Paris 1865. Introduction, pag. 8.

[2] Romey. *Hist. d'Espagne*, tom. 2.º pag. 361.

[3] Caveda, *Ensayo historico sobre los diversos géneros de arquitectura empleados en Espana*. Madrid, 1848. pag. 77 a 80.

[4] Lacroix, no seu interessante livro: *Les arts au moyen âge et à l'époche de la renaissance*, publicou em gravura o desenho da coroa de Suintilla, que se conserva na *Armeria real* de Madrid, e as estampas coloridas das cruzes pendentes das coroas achadas em Guarrazar. Os desenhos d'estas coroas encontram-se no *Paris-Guide*, tom. 1.º pag. 468. Aquellas estampas coloridas são as que dão mais clara idéa da execução artistica e do estylo.

[5] Vej. *Archivo Pittoresco*, tom. 7. pag. 381.

parte, se lhes compararmos o lavor artistico ao de reliquias incontestavelmente romanas, como é o sarcophago que está no museu do Porto, acharemos uma differença grande, tanto no relevo, como no desenho das figuras e ornatos. E, se em vez de aproximar dos romanos taes fragmentos, os compararmos com os da arte christã dos primeiros tempos da edade media, como são alguns dos ornatos de S. Pedro de Civate e de Santo Ambrosio de Milão, encontraremos toda a similhança entre estes e aquelles, não sómente nos assumptos representados, senão tambem na forma da representação. E como que fortalecendo ainda mais a analogia temos na dita egreja de Santo Ambrosio uma inscripção, com os symbolos e caracteres d'aquella que em Chellas se descobriu com a data do anno de Christo de 665, sendo, porem, a da outra do seculo IX [1].

Estes vestigios, por sua propria raridade, nos auctorisam a suppôr que a architectura mais perfeita se limitava aos logares em que na Peninsula se centralisava com o poder e riquezas reaes a civilisação wisigothica. Esta e ainda depois a arabe, com quanto assaz adiantadas, não tinham a força da civilisação romana para estenderem seu influxo ás mais remotas cidades.

No tempo de D. Affonso o Casto começam a aclarar-se as trevas que envolvem a historia da architectura christã da Peninsula. Sabe-se de muitos edificios que este monarcha mandou construir, conhece-se até o nome do auctor de alguns, o architecto Tioda, que era, segundo parece, tratado com distincção na corte asturiana.

O estylo usado nas Asturias, embora alguem o tenha reputado original, é o romano degenerado e corrompido, que os godos empregaram em toda a Europa, e que uns chamam *latino*, outros *romão* ou *romano-byzantino* primordial. Comparando as egrejas de Santa Maria de Naranco e de S. Salvador de Valdedios com os edificios, que em França e em Italia foram construidos antes do seculo VIII, acham-se extremamente similhantes. Em todos se vê o pequeno apparelho e a mesma escassez e imperfeição dos ornatos, em todos se observa um typo commum, que serve de prova á natural supposição de que os godos encerrados no territorio asturiano conservaram as practicas tradicionaes de seus antepassados [2].

Caveda confirmou uma observação importante de Batissier; e vem a ser que, em França, desde o seculo IV até ao seculo XI foram mui raros os architectos e esculptores capazes de comprehender os methodos da architectura romana, não succedendo já assim entre os godos do Meio-dia, que mais frequentemente os praticavam. Quando em todas as Gallias se construiam commummente edificios de madeira, *more gallicano*, citando-se por extraordinaria a sé de Cahors que S. Didier mandara fazer, não ao modo gallicano, mas com muros exteriores revestidos de grandes silhares, era este ultimo uso commum tanto na monarchia gothica primitiva, como nas que de seus despojos se formaram. Construiam-se tambem na Peninsula as abobadas, muito raras em França desde o seculo IV até ao seculo XI, e os botareos ou gigantes exteriores que Bourassé considera caracteristicos das edificações posteriores áquella epocha [3].

Esta differença em favor da Peninsula explica-se pelas causas de decadencia, que em França se seguiram á desmembração do imperio de Carlos Magno, e se oppunham como obstaculos insuperaveis a toda a cultura de seus naturaes. Na Hespanha o estado da sociedade wisigothica, posto que attribulado e angustioso em varias epochas, era menos imperfeito não só por suas leis e costumes senão tambem por influencia da civilisação sarracena.

Entretanto o desenvolvimento da architectura não era geral. A notavel sé de S. Thiago foi de pedra e barro antes que D. Affonso Magno, reedificando-a, a enriquecesse de muitos marmores, que fez conduzir do Porto e de outras cidades, onde se encontravam entre as ruinas dos edificios romanos destruidos pelos moiros ([4]). Era de

[1] Os ornatos e a inscripção encontram-se na obra citada de Dartein.

[2] Caveda, obra citada, pag. 108 e seg.

[3] Ibidem, pag. 110 e seg. Bourassé, Archéologie Chrétienne. Tours, 1867.

[4] Caveda, pag. 93. Cunha, Catalogo dos Bispos do Porto.

tijolo e barro o templo que D. Affonso V consagrou a S. João Baptista na cidade de Leão.

No seculo XI, porém, como continuasse o mundo depois do anno de 1000, que uma vulgar opinião lhe dava por termo, enriquecidas as ordens religiosas com as doações e testamentos, que esse chymerico receio persuadiu, dispostas, emfim, as sociedades européas para receberem os beneficios da civilisação, as artes regeneraram-se, particularmente a architectura e a esculptura, fazendo-se commum o desejo de por meio d'ellas transmittir á posteridade monumentos dignos da religião que representavam. As relações de Italia com o visinho imperio e mais tarde as cruzadas introduziram no Occidente o gosto dos artefactos orientaes. Veneza, Milão, Piza e outras cidades ricas e florescentes receberam com os brocados, tapetes, perfumes e armaduras as idéas da civilisação byzantina. Os architectos, transpondo os Alpes, vieram construir na França, Allemanha, Inglaterra e Hespanha templos ao gosto oriental, excepto na forma, em que tiveram de respeitar as practicas tradicionaes dos christãos antigos.

Por esse tempo, na Peninsula, uma longa serie de victorias, que restituiram a melhor parte do seu territorio ao dominio dos christãos, auxiliou a commum disposição da Europa. Durante o reinado de Affonso VI, um novo e poderoso elemento contribuiu para trazer áquem dos Pyrenéos a architectura, que já se divulgára na França. Foi a multidão de cavalleiros e sacerdotes francezes attrahidos á Peninsula por aquelle principe, que d'entre elles tomou dois para genros. Nos fins do seculo XI o filho de Fernando Magno ajuntou uma como cruzada para a conquista de Toledo, e, consummado este facto memoravel, muitos prelados e cavalleiros, que de França tinham vindo, desejosos de correr a sorte dos combates, depondo as armas, agradaram-se do clima e das terras, tornando-se seus povoadores e edificadores. Um d'elles, antigo monge de Cluni, foi o primeiro prelado da restaurada sé da capital wisigothica; alguns mais subiram egualmente ao solio episcopal n'outras dioceses. A seu genro D. Raymundo encarregou D. Affonso VI a restauração das cidades de Avila, Salamanca e Segovia, destruidas pelos sarracenos. Estas emigrações d'além dos Pyreneus não eram sómente para os estados leonezes. Segundo affirma Oderico, escriptor coevo da restauração de Tarragona, o conde Roberto trouxe para essa empreza soldados e artistas da Normandia. Emfim, não é unicamente nas memorias escriptas que abundam estas e outras provas da vinda de architectos francezes á Peninsula; os proprios edificios o attestam com indicios manifestos [1].

Em Portugal, ou antes na Lusitania, nas eras anteriores á fundação da monarchia, a architectura passou de certo pelas mesmas phases que nos demais estados da Peninsula. Não se ostentou, porém, n'um alto grau de opulencia, porque tanto os arabes, como os godos, centralisaram n'outras provincias suas civilisações, que, inferiores á de Roma, não podiam, já o dissemos, despedir para tão longe e com egual liberalidade os mesmos raios de luz. Assim, não é para estranhar que, sendo abundantes em Portugal as reliquias da architectura e da esculptura romanas, se tornem extremamente raras as das epochas seguintes até aos fins do seculo XI. Os documentos escriptos nos seculos IX e X provam, é verdade, a existencia de muitas egrejas e mosteiros n'esses tempos remotos. Todavia, os que ainda hoje subsistem foram totalmente reedificados nos seculos posteriores, de modo que se faz impossivel formar idéa exacta de suas fabricas.

Os effeitos das terriveis e prolongadas luctas entre moiros e christãos sentiram-se aqui mais que n'outras partes da Peninsula. Era mais inconstante e varia a sorte das cidades, mais frequentes as correrias e devastações, mais difficil, emfim, a reparação dos estragos, que estas causavam, pela distancia das sédes em que os governos d'uns e de outros se conservavam centralisados. Destruida uma povoação, sómente muito depois poderia ser reedificada, e o receio de nova destruição não consentiria luxo e grandeza nas reedificações. Attesta a pobreza das egrejas o concilio de Coyança em que no anno de 950 se contentaram de determinar que os calices não fossem de pau ou de barro [1]. Nem todas, porém, estavam reduzidas a tamanha indigencia. Nas mais antigas doações, que se conservaram nos mosteiros, acham-se n'uma ou n'outra mencionados com os animaes de serviço doados ás egrejas, calices, cruzes e corôas de prata [2].

Nos fins do seculo XI, porém, as circumstancias das povoações septemtrionaes do territorio que hoje se chama Portugal mudaram totalmente, depois que a valorosa espada de Fernando Magno assegurou de uma vez para sempre as conquistas de seus antepassados, e as que de novo effeituára. O imperio sarraceno tremia em seus alicerces, abalado pelos males, que internamente o corrompiam, e sacudido pelo vento da fortuna, que afinal soprava forte e constantemente favoravel aos christãos. Tinham passado para não mais voltarem os dias gloriosos dos Beni-Umeyas e de Al-manssor, e os moiros, longe de emprehenderem conquistas, a muito custo defendiam as terras que ainda lhes restavam.

D'essa epocha datam os mais antigos dos nossos templos, que se conservam de pé, humildes e pequenos em principio, vastos e opulentos depois, quando se fundou a monarchia fortalecida pelas riquezas das conquistas, e se desenvolveu a architectura pela constituição independente da sociedade portugueza.

Para esse desenvolvimento concorreu, como na Hespanha christã, o elemento franco. Era borgonhez o conde D. Henrique. Dominado pela idéa fixa de fundar um estado independente nas terras cujo governo lhe fôra confiado, rodeara-se de sacerdotes e cavalleiros seus naturaes, vindos directamente de França ou alistados nos exercitos das cruzadas, que n'esse tempo espalhavam, não sómente pela Syria, mas ainda pelo Meio-dia da Europa, os homens que do centro d'ella sahiam numerosos a buscar fortuna, longe da patria. Fundaram-se, pois, colonias de francezes, como foram uma em Guimarães e outra no Alto-Minho, e por toda a parte, nos dominios do conde D. Henrique, havia prelados, monges e mestres ou cavalleiros das ordens militares, francezes de nação ou d'esse paiz oriundos. Depois, nos primeiros reinados chegaram a crear-se municipalidades puramente compostas de francos, taes como Athouguia, Lourinhã, Villa-Verde, Azambuja e Ponte de Sôr [3].

Entre tantos estrangeiros vieram tambem, por certo, artistas que, seguindo nas edificações os methodos apprendidos, tratassem de recordar a si proprios e aos fundadores os monumentos da patria. Conservaram-se, por acaso, os nomes francezes dos dois mestres Roberto e Bernardo que dirigiram a obra da Sé de Coimbra. Todos os mais se perderam. É que esses, a quem pertenciam, membros obscuros da sociedade, perpetuavam, como alguns poetas, em obras duradoiras os nomes dos outros, deixando os seus proprios no esquecimento.

[1] Caveda, pag. 178 e 179.

[1] A. Caetano de Amaral, Memoria IV para a historia da legislação e costumes de Portugal, pag. 197.

[2] Portugaliæ Monumenta Historica, Diplomata et Chartae, vol. 1.

[3] A. Herculano, Historia de Portugal tom. 3.º pag. 213 a 217.

Viterbo no Elucidario, tom. 2.º pag. 135, explicando a palavra *Mirleus*, prova quanto eram communs até ao seculo XIV os francezes e outros estrangeiros em Portugal. O mesmo escriptor, tom. 1.º pag. 479 e 480, a proposito da palavra *Francisco* (francez ou coisa de França) allude á doação do couto que D. Affonso Henriques fez em 1139 ao mosteiro da Hermida sobre o rio Córgo em terra de Panoyas, na qual doação se designa certo limite pelo *Palacium franciscum*. «D'aqui se vê, diz Viterbo, que no termo de Santa Martha de Penaguião havia uma casa de campo a que chamavam *Palacio*, obra talvez de algum dos aventureiros francezes que com o conde D. Henrique vieram a Portugal.»

CAPITULO I

Imperfeição da architectura christã no territorio conimbricense até ao seculo XI.—Falta de vestigios artisticos anteriores a essa epocha.—O conde D. Sesnando, povoador e edificador.—Seu testamento.—A egreja de *Mirleus* e outras coetaneas.—Disposição em que D. Sesnando deixou a cidade de Coimbra para o desenvolvimento da architectura no seculo XII.

Raiou muito cedo na cidade de Coimbra a luz do christianismo. Seus bispos authenticos principiam a ser conhecidos no meiado do seculo VI; já, porém, antecedentemente tinha sé annexa á de Merida [1]. N'essa antiguidade tão remota diminutissimo deveria ser o numero das egrejas pertencentes á diocese conimbricense. Primeiro que a nova religião se fortalecesse, teve de sustentar porfiosas luctas, resistindo á violencia com que reciprocamente se combatiam os povos barbaros, affrontando suas seitas e heresias, conquistando, emfim, palmo a palmo, o terreno, onde por tantos seculos obtiveram culto geral os deuses dos romanos. Com effeito, segundo os fragmentos do concilio de Lugo de 569, á cathedral de Coimbra não pertenciam então mais que cinco egrejas [2].

Se desde essa epocha até aos fins do seculo VII, a influencia da civilisação wisigothica chegou a estender-se a esta parte da Peninsula, communicando á architectura e ás demais artes o impulso, que em Toledo receberam, é o que ainda se ignora. Já, porém, dissemos que não faltam razões para crêr que a opulencia e a perfeição da architectura e da esculptura se limitariam ás cidades mais poderosas, onde a protecção e os thesouros dos reis as acolhiam e sustentavam. Confirma de algum modo esta hypothese o não ter apparecido até hoje em Coimbra um só vestigio da epocha dos godos, a não ser uma inscripção que se perdeu, e que parece d'esse tempo, com quanto Coelho Gasco, que foi quem d'ella conservou memoria, lêsse no seu ultimo verso a era de 1200 [3].

Nos seculos IX e X, dilatado o christianismo, apezar da reacção sarracena, augmentou-se o numero das casas destinadas aos exercicios religiosos. Não era sómente nas povoações grandes que se edificavam templos. Nos tractos de terra, que os reis ou os nobres davam á cultura dos servos ou colonos, construiam-se tambem pequenas egrejas, mosteiros ou oratorios [4]. Multiplicaram-se depois estas instituições, por devoção ou por interesse dos sacerdotes e seculares, empenhados não sómente em firmar a religião, mas ainda em celebrar ou perpetuar seus nomes e pôr os bens ao abrigo das extorsões com a protecção ecclesiastica. As casas da oração consideravam-se, como as terras, os gados e os moveis, propriedades particulares, e d'ellas se faziam frequentemente doações, trocas e vendas [1].

Era de certo muito imperfeita e acanhada, talvez até sem estylo architectonico determinado, a fabrica não só d'estes oratorios e ermidas, mas ainda das egrejas matrizes ou diocesaes. Anteriormente ao seculo XI, n'esta parte da Peninsula, a industria, o commercio e as artes, outr'ora tão florescentes em tempo dos romanos, haviam chegado a miseria extrema [2]. Os povos dizimados em repetidos combates sómente exerciam os misteres da guerra e da agricultura, um para se defenderem, outro para não morrerem de fome. As amiudadas vendas de terras, herdades ou casaes por um boi, por uma egua ou por outro animal de serviço, do que se conservam escripturas, provam bem a falta de toda a civilisação e por conseguinte da architectura compativel sómente com outras condições sociaes.

No cartorio do mosteiro de Lorvão ficou um documento interessante em que se vê o atrazo artistico dos povos que no seculo X habitavam Coimbra e suas circumvisinhanças. É uma memoria escripta em latim barbaro no livro dos testamentos, na qual se refere que no tempo do abbade Primo (978 a 985) viera de Cordova para aquelle mosteiro mestre Zacharias, o qual o concelho de Coimbra mandou pedir ao abbade que lh'o désse, para lhe fazer pontes em seus ribeiros. Respondeu o abbade que sim; porém que, para memoria, acompanharia o mestre. Vieram, pois, ambos e chegando a Ilhastro (juncto ao logar que chamam hoje Fornos) ahi assentou o abbade sua tenda e mandou aos homens da terra que trouxessem carros, pedra e cal, com o que fizeram uma ponte. Vieram a Cozelhas e fizeram outra. Vieram á ilharga do Bussaco e fizeram outra. E ultimamente chegando á ribeira de Forma construiram ainda outra ponte e juncto d'ella uns moinhos [3].

Fica, portanto, bem patente que no seculo X não havia em Coimbra pedreiros, capazes de fazer, ao menos com segurança, as pontes dos minguados ribeiros circumvisinhos; que um mosteiro rico, situado a tres leguas da cidade, mandava vir de Cordova um mestre d'obras, para supprir a falta d'artistas n'esta parte remota dos dominios do rei de Leão; que o concelho de Coimbra mandava uma

[1] Florez, España Sagrada, tom. XIV, pag. 74 e 75.
[2] Loáisa, Collectio Conciliorum Hispaniae, Madrid 1593, pag. 129.
[3] Nota 1.ª no fim da Memoria.
[4] Viterbo, Elucidario, tom. 2.º, verb. *Igreja*, pag. 45

[1] Ibidem.
[2] Antonio Caetano de Amaral, Memoria IV para a historia da legislação e costumes de Portugal. No tom. 7.º das Mem. de Litt. Port. pag. 204.
[3] Veja-se este curioso documento no *Portugal Renascido* de Rocha, pag. 39.

embaixada ao abbade do mosteiro, como se lá estivesse o primeiro architecto do mundo; e, finalmente, que o poderoso donatario, por fazer favor á cidade, e mais ainda por zelar os interesses do convento, acompanhava o mestre cordovez pelo territorio conimbricense, estacionando com elle pelas margens dos ribeiros e assistindo á construcção das pontes e moinhos, como se foram obras admiraveis de grande e primorosa fabrica. Que simples e singulares costumes patriarchaes!

A architectura religiosa não podia estar mais adiantada que a civil, pelo que não é para estranhar que das muitas egrejas, que havia em Coimbra e seus suburbios no seculo x [1], não ficassem outros vestigios mais que as escripturas de venda, partilha ou doação. O tempo, só por si, bastaria para dar em terra com essas fracas edificações, se lhe não prevenira o natural effeito a acção promptamente devastadora da moirisma.

A primeira conquista da cidade de Coimbra pelos sarracenos no primeiro quartel do seculo viii foi talvez a que menos estragos causou. A grande força moral que os invasores adquiriram logo em suas primeiras victorias, o desejo de senhorearem com firmeza toda a grande extensão de terra conquistada, que não podiam povoar de gente sua, fizeram com que não empregassem a força senão nos casos em que encontraram obstinada resistencia, que foram muito raros, pois se renderam pacificamente a maior parte das cidades.

Com diversidade de circumstancias se fizeram as posteriores conquistas, se dermos credito ás chronicas antigas. Affonso III, quando tomou Coimbra no seculo ix, transformou-a n'um deserto, para depois a povoar com gente da Galliza. Al-manssor procedeu da mesma sorte nos fins do seculo x. No espaço de sete annos teve a cidade destruida e deserta, até que os moiros a povoaram e edificaram de novo [2]. Recuperou-a, finalmente, depois de dilatado cerco Fernando Magno em 1064. Assim, ora a cruz, ora o crescente tremulavam alternados em cada seculo nos muros da formosa rainha do Mondego, mudando com suas leis e costumes o estylo de seus edificios e mais em particular dos religiosos. Estes, pelas repetidas conquistas e assolações deveriam ser os mais commummente destruidos. Os odios de religião fariam com que nos templos recahisse de preferencia a sanha dos vencedores. Não admira, por tanto, que se não achem hoje em Coimbra nenhuns vestigios evidentemente anteriores á ultima conquista que foi, como dissemos, no anno de 1064. E, se de todo desappareceram os edificios arabes, que muito que tivessem egual sorte os christãos, que os precederam?

A victoria de Fernando Magno assignalou o principio de uma epocha memoravel na historia de Coimbra. Fazendo esta cidade capital de um extenso e importante condado, que tinha por limites naturaes o Douro e o Mondego, o rei de Castella e de Leão confiou o seu governo a Sesnando, pelo qual fora aconselhado a invadir aquella parte da antiga Lusitania [3].

O vulto notavel de Sesnando sobresahe com vivos resplendores nas trevas, que precederam a fundação da monarchia. Nas velhas escripturas dos mosteiros do territorio conimbricense, na gothica inscripção do seu tumulo acham-se vestigios expressivos do energico e fecundo influxo do illustre mosarabe. É para lamentar que da sua vida gloriosa, e por tanto da historia de Coimbra na metade ultima do seculo xi, não ficassem mais copiosos documentos. Sabe-se que Sesnando vivera em Sevilha na corte de Ibn Abbed, em cujo serviço andou, chegando a occupar o cargo de wasir do divan. D'ahi trouxe a instrucção e o gosto das artes, que n'aquella parte da Peninsula se cultivavam com o esmero, que attestam as tradições illustres do governo de Al-manssor. De Cordova, sua sede, não distava muito Sevilha.

D. Sesnando distinguiu-se, tanto na guerra como na paz, defendendo valorosamente o districto, que lhe havia sido confiado, e promovendo com ardor a povoação e a cultura de muitas terras e edificações importantes. E' o que se collige do foral dado por D. Affonso VI a Coimbra, de outras escripturas e, mais em particular, da doação que D. Sesnando fez, ao abbade D. Pedro, da herdade ou casal de S. Martinho do Bispo para que a povoasse, edificasse e exaltasse pelas almas de ambos. Ahi declara que D. Fernando o fizera *magnum ducem et consulem fidelem* de Coimbra para que a povoasse e defendesse [1]. Tambem na doação que fez da egreja de Cantanhede ao subdiacono Lourenço, allega que restaurara a cidade de Coimbra e seu termo com tudo o necessario, e a aprestara com seguríssimas fortalezas, e cuidadosamente a fizera povoar com gente christã de diversas partes [2]. E n'uma escriptura de Lorvão se lê que o alvazir D. Sesnando edificou e fez Montemor o Velho, depois que os sarracenos o destruiram, e de todas as terras chamou homens para que viessem povoar aquella terra, o que em verdade fizeram [3]. E, finalmente, se nos depara na doação, que o abbade Pedro fez á sé de Coimbra da egreja de S. Julião juncto á foz do Mondego, que havendo esta sido destruida pelos sarracenos, elle abbade com o favor e ajuda de algumas pessoas, que pelo seu zelo e amor de Deus para isso concorreram, a tinha restaurado nos bens e edificios por ordem do conde D. Sesnando, o qual tinha facultado assim aos clerigos como aos leigos o edificar as egrejas e villas [4].

Que os homens principaes do condado de Coimbra seguiam n'aquelle tempo o exemplo do chefe e o auxiliavam no utilissimo empenho de edificar, é o que se deprehende de alguns dos citados documentos, e ainda de uma doação, que D. Sesnando fez de varios bens ao bispo D. Paterno, e entre elles o pateo ou terreno (cortem) sobre a porta da cidade, onde o alvazir primeiramente habitara e depois o prelado construira muitos edificios [5].

Não se limitava a actividade do governador de Coimbra ás edificações materiaes. Juntamente com o bispo D. Paterno instituiu um seminario na sé cathedral para sustento, ensino e ordenação dos moços, que se destinavam ao serviço da egreja [6]. De sorte que muito bem se justifica o chamar-lhe depois, quem lhe gravou a inscripção sepulchral: *Grande Barom, sabedor e muito eloquente, avondado e rico.*

Alem das memorias allegadas, temos outra, que pede mais circumstanciado exame. No anno de 1087, preparando-se D. Sesnando para ir combater em companhia d'el-rei D. Affonso VI os moiros em Badajoz, fez testamento em Coimbra, pelo qual deixou boa parte da sua fazenda á nova egreja que n'esta cidade edificara no sitio chamado *Mirleus*. Onde fosse *Mirleus* não parece hoje facil determinar. Segundo uma lenda (talvez, por devoção fradesca, imitada d'outra muito conhecida) em que S. Jorge tomou o logar da Senhora de Nazareth e D. Sesnando o de Fuas Roupinho, *Mirleus* seria na mata, que conserva o nome d'aquelle santo, na margem esquerda do Mondego, meia legua acima de Coimbra, e a egreja primitiva do convento a que o alvazir edificara. Convem, porem, saber que o mais antigo documento, que se conhece, relativo ao mosteiro de S. Jorge é do anno de 1136 [7].

Viterbo mostra que este nome de *Mirleus* ou *Milreus* era commum a muitos logares. Suppõe-se que se derivaria do allemão *Mir-*

[1] Nota 2.ª no fim da Memoria.

[2] «Adefonsus... Conibriam ab inimicis possessam eremavit, et Gallecis postea, populavit.» Chronicon Albeldense, na Espana Sagrada, tom. 13, pag. 455.

«Era DCCCIV Adefonsus... Conimbricam ab inimicis possessam heremitavit, et ex Gallecis postea populavit.» Chron. Gothorum in Portug. Mon. Hist. Scriptores. vol. 1.º, pag. 9.

«Era MXXV.ª Cepe almancor iben namer colimbriam sicut quidam dicunt fuit derelicta annis VII postea ceperunt edificare illam ismahelite et habitauerunt in illam annis LXX.ª» Chron. Conimbricense in Port. Mon. Hist. Script. vol. 1.º pag. 4.

«Era MXXVI. III.º calend. iulii Almanzor Benamet cepit Colimbriam, et sicut a mults senibus audiuimus deserta fuit VII annis, postea reedificauerunt eam Hismaelite et tenuerunt eam.» Chron. Gothorum. Ibidem, pag. 9.

[3] Vej. o documento n.º 2 da 2.ª parte da Not. Hist. do Most. da Vacariça por . R. de Vasconcellos.

[1] Vej. o documento n.º 1 da Mem. citada.

[2] Vej. o documento n.º 3 da Memoria citada.

[3] Vej. este documento na Monarchia Lusitana, tomo 2.º, pag. 549.

[4] Elucidario de Viterbo, tom. 1.º pag. 216.

[5] Mem. cit. docum. n.º 4.

[6] Vej. o documento n.º 2 da Mem. citada.

[7] Instituto, tom. 1 pag. 153.

le ou *Schmirling* que significa uma casta de ave do tamanho de um melro, o qual se cria na Norwega e Suecia e vem de inverno arribar a Portugal, onde lhe chamam esmerilhão. D'esse nome, pois, applicado aos estrangeiros que sómente se demoravam em quanto seus interesses os detinham se formaria a palavra *Mirleus*, para designar os hospitaes ou albergarias onde os estrangeiros se aposentavam. Em Coimbra, diz o mesmo Viterbo, havia uma d'estas fundações onde hoje vemos o collegio de S. Paulo, e o chamar-se mata de *Mirleus* á de S. Jorge não significava senão ser pertencente ao hospital d'aquelle nome. Uma doação feita em 1093 á egreja de S. Salvador, pertencente ao mosteiro da Vacariça, diz esta egreja fundada juncto do sitio de *Mirleus*. Outro documento de 1344 allude ao hospital ou albergaria d'el-rei, sita na parochia de S. Pedro. Finalmente D. Manuel agregou esta instituição ao Hospital Real da cidade de Coimbra com outras similhantes. No tombo de todas ellas ficou mencionada em logar distincto a dos *Mirleus* [1].

Sejam, porém, quaes forem a origem e significação da palavra *Mirleus*, o que se prova com os documentos allegados é que, não longe das egrejas de S. Salvador e de S Pedro, houve em Coimbra um sitio assim chamado, o que, junctamente com dizer D. Sesnando que edificára a egreja *in Colimbria*, faz suppôr que estaria antes dentro que fóra dos muros da cidade.

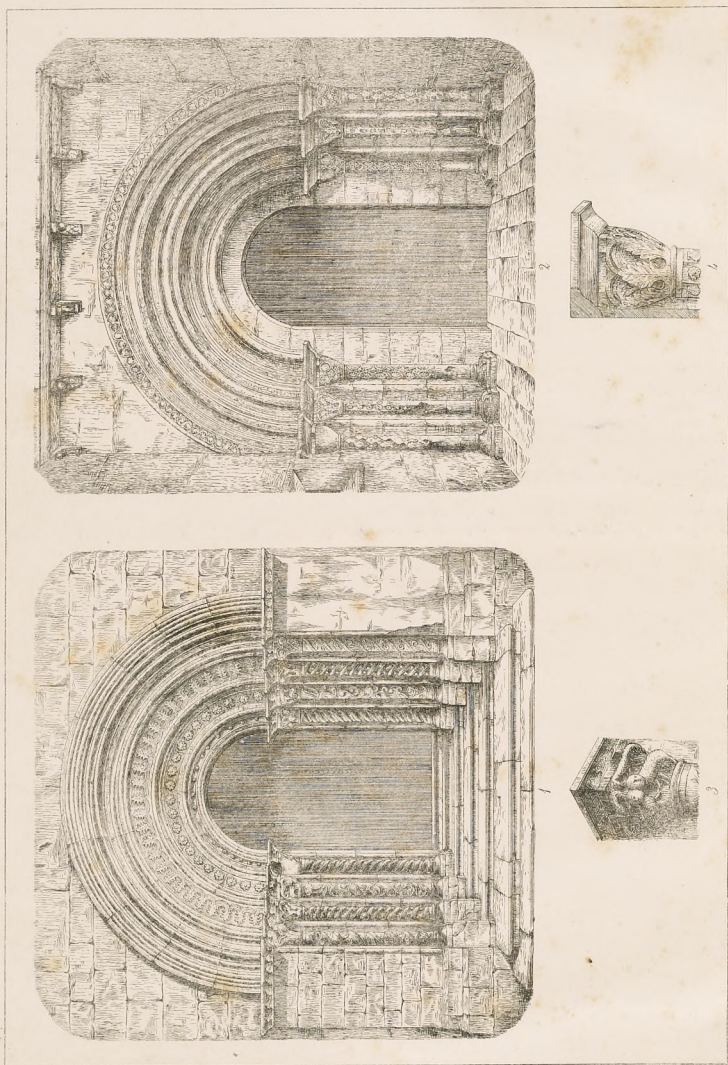
Na data do testamento ainda a egreja não estava acabada, porque o testador determinou que se concluisse a edificação com o seu gado, vaccas e eguas, ou com o que lhe achassem em casa. Deixou mais á mesma egreja duas partes dos seus vasos de prata, para que fizessem frontal, cruzes, calices e capas, e a outra parte a sua filha Gelvira. Legou, porém, todos os vasos de oiro á egreja para se fazer uma cruz em que se havia de collocar um Santo Lenho, que estava em Santa Maria. Doou ainda á mesma egreja as suas herdades, as quaes ganhara, povoara e edificara *in eremo;* metade de Tentugal, que herdara de seus paes, e depois povoara; Arazeth e Lamasma sob o castello de Santa Eulalia; Cautanhede; a almuinha, que fôra do bispo D. Paterno, e metade dos castellos de Arouca e Penella que povoara. Legou finalmente, dos seus tapetes (acitharis), que tinha em Coimbra e em Montemór, tres a sua filha Gelvira e os outros á dita egreja [1].

Demoramo-nos a relacionar os objectos legados, para que se conheça que o celebre conde de Coimbra vivia no seculo XI com um luxo sómente compativel com mais subido grau de civilisação, que o que se attribue commumente áquella epocha remota. Por esta razão, e por todas as que mais particularmene resaltam dos outros documentos, se vê que a architectura deveu progredir e desinvolver-se com rapidez durante o governo do conde D. Sesnando. Por infelicidade, não se conservaram vestigios bastantes para dar clara idéa da perfeição dos artistas e do estylo que seguiram, e só vemos que em Coimbra, melhor que em qualquer outra parte do territorio que depois veiu a constituir o reino de Portugal, se reuniram excellentes e propicias condições para o adiantamento da arte de edificar.

Além das egrejas de S. Thiago e de S. Salvador, as unicas que nos offerecem alguns restos, que com probabilidade attribuiremos ao tempo de D. Sesnando, havia então a Sé, S. Bartholomeu, S. Pedro, a de *Mirleus* e S. João d'Almedina, de todo destruidas ou substituidas por outras de fabricas differentes. Assim, no seculo XI ficára a cidade de Coimbra admiravelmente disposta para n'ella se desenvolver a architectura no seculo XII e produzir monumentos tão notaveis, como a Sé Velha e S. Christovam, que foram os que até aos nossos dias se conservaram de pé e com poucas alterações do estylo primitivo. Quando as causas geraes que operaram na Peninsula, n'aquelle seculo, vieram a ter seu effeito em Portugal, nenhuma terra lhes offerecia, como vimos, elementos mais favoraveis e que melhor conviessem á rapida perfeição e ao largo incremento da architectura romano-byzantina.

[1] Viterbo, Elucid. verb. *Mirleus*. O auctor, por auctorisar a etymologia apresentada, cita ainda uma doação de um couto juncto ao rio Corrego na qual se falla da fonte de *Mirleu* e do *palacio francez*. Allega mais um sitio da cidade de Guarda que se chamava *Mirleu* e hoje *Mileu*, onde esteve uma albergaria. O sr. Martins de Carvalho na Memoria que publicou dos hospitaes de Coimbra no *Conimbricense*, n.os 2027 a 2032, diz que o hospital dos *Milreus* era defronte da porta principal da egreja de S. Pedro, juncto dos paços das Alcaçovas.

[1] Veja o testamento de D. Sesnando na Mon. Lusit. tom. 3.º pag. 376.

1.ª

PORTAS E CAPITEIS DA EGREJA DE S. THIAGO DE COIMBRA

MARIZ J.or des. e gr.

Lith. da Impr. da Universidade

CAPITULO II

Importancia dos caracteres architectonicos para a determinação das edades dos monumentos.—Egreja de S. Thiago de Coimbra.—Opinião falsa de seus principios.—Documentos mais antigos que lhe dizem respeito.— Alterações feitas em sua primeira fabrica.— Vestigios que restam e tempo a que respondem.—Apparecimento da capella-mór soterrada.—Egreja de S. Salvador.—Escripturas mais antigas em que anda mencionada.—Similhanças interiores e exteriores com a egreja de S. Thiago.—Renovação da porta principal.—Letreiro deslocado.—Egreja de S. Christovam.—Vandalismo de uns e dedicação de outros.—Fundação d'esta egreja.—Documentos que lhe são concernentes.—Descripções de duas testemunhas oculaes.—Crypta.

Alguns escriptores que tractam das egrejas e mosteiros antigos não distinguem as instituições religiosas dos edificios materiaes. Ora, depois da fundação das primeiras, os segundos, pela maior parte, foram renovados e até mudados de seus logares por mais de uma vez no espaço de muitos seculos. E, de não fazerem tal distincção, resultou o attribuirem a certos monumentos edade mais provecta do que verdadeiramente teem e que de modo nenhum se compadece com as indicações de seu estylo architectonico. Estas indicações são importantissimas. Equivalem em muitas casos a uma certidão que, sem designar o anno, declara com certeza o seculo em que o monumento foi construido. Preferil-as-hemos, por tanto, sempre que for possivel, ás datas contestaveis dos chronistas, desejosos, em geral, de nobilitar a patria ou a religião com memorias mais vetustas que verdadeiras.

Á egreja de S. Thiago de Coimbra não faltou quem lhe conferisse a honra de ter servido de sé no seculo IX, pol-a confundir com a de S. Thiago de Compostella. O erro proveiu de se interpretar mal a celebre doação de Affonso III e sua confirmação por Fernando Magno, registradas no *Livro Preto*, com quanto já no seculo passado Florez dissesse quanto importava para se conhecer a verdadeira significação d'aquelles documentos [1].

As letras F C M que se veem n'uma das misulas da varanda, por cima da porta principal da egreja, pareceram tambem prova de sua grande antiguidade. Como antecedentemente á substituição da letra romana pelo gothico redondo ou monachal, se usou em algumas inscripções o E com a forma de F, e como o C antes do M lhe faz o valor de 900, deu-se áquelles tres caracteres a interpretação de *Era de 900*, o que remontaria a edificação ao anno de 862. Importa, porém, advertir que um dos proprios escriptores que allegaram esta prova [2] declarou que a varanda fôra construida em 1546 e renovada em 1750. E sendo tanto as misulas, como o restante da construcção, do estylo introduzido em Portugal depois do reinado de D. Manuel, claro fica o terem sido gravadas aquellas letras n'uma epocha recente e não merecerem, por conseguinte, a importancia que lhes attribuiram. Admittida esta premissa, ninguem deixará de concluir que, ou a primeira letra é, em verdade, um F e tem outra significação, bem como as outras duas, ou que todas tres foram copiadas de uma pedra mais antiga, pertencente ao templo, na qual se tivessem gravado antes do seculo XII. Não parecerá, porém, mais provavel que, para testimunho de antiguidade, em vez de copiarem a pedra original, a embutissem n'alguma parede, onde attestasse aos vindouros a data da edificação da egreja? Por outro lado, não ha em S. Thiago nenhum vestigio architectonico anterior ao seculo XI, ou do estylo romano-byzantino primario; o que, juntamente com a falta de todo o documento allusivo á egreja n'aquella edade, nos faz crêr falsas as letras ou, pelo menos, o modo por que as interpretaram.

A tradição mais commum é que, Fernando Magno, depois de tomar Coimbra em 1064, pela grande devoção que tinha ao Apostolo S. Thiago e por lhe attribuir a victoria que alcançára, querendo testimunhar sua fé e reconhecimento ao patrono das Hespanhas, lhe edificou esta egreja na terra conquistada. Não ha documentos que o provem nem outros que o contestem, sendo muito para notar a falta d'elles ácerca da egreja de S. Thiago, quando das outras coevas ficaram escripturas em que as vemos mencionadas. A mais antiga tem a data do anno de 1183. É um termo de composição entre o arcebispo de Compostella e o bispo de Coimbra, quanto a seus respectivos direitos sobre a egreja de S. Thiago [1]. O documento immediatamente posterior é a noticia da sagração da egreja a 28 de agosto da era de 1244, que João Pedro Ribeiro encontrou no livro dos Anniversarios [2].

A egreja de S. Thiago de Coimbra é de tres naves. Interiormente nenhum vestigio conserva de sua antiguidade. Todos, em differentes epochas, foram encobertos ou destruidos com incansavel diligencia por vandalicos restauradores. Da ultima renovação e da brutalidade com que a effeituaram dá ingenuo testimunho e insuspeito um escriptor d'aquelle tempo: «Forraram-se, diz elle, as columnas que eram de pedra de Bordalo redondas com pedra d'Ançãa, ficando quadradas»[3]. Para este memoravel concerto, ou antes desconcerto, concorreram as confrarias da egreja e seus freguezes no anno de 1758 [4].

[1] Florez.—España Sagrada, tom. XIX, pag. 93.
[2] Vej. Coimbra Gloriosa, ms. da Bibliotheca Nacional. P. 1.ª § 4.º e Cap. 1.º § 5.º

[1] Not. Hist. do Most. da Vacariça, 2.ª Parte, Doc. n.º 22.
[2] Observações de Diplomatica Portugueza.
[3] Coimbra Gloriosa. tom. I cap. 1.º, § 15.
[4] Ibidem.

A fachada principal olha a oeste, e, como a egreja foi edificada na soalheira do monte, veiu a porta a ficar muito mais alta que o terreno adjacente. Esta particularidade é commum ás egrejas de S. Salvador e da Sé Velha e tambem o foi á de S. Christovam. No frontispicio da de S. Thiago o portal é a unica parte que subsiste da antiga fabrica. Tudo o mais foi emplastado ou reconstruido. Por cima da archivolta, que ainda chegou a cortar com uma das misulas, está a varanda, a qual, segundo o auctor da *Coimbra Gloriosa*, teve seu principio no anno de 1546 e substituiu um oculo que ali havia antigamente para dar claridade á egreja. Tinha a varanda um parapeito de pedra que em 1750 se tirou para se pôr em seu logar uma grade de ferro [1].

O portal tem todos os caracteres do estylo romano-byzantino dos fins do seculo XI ou dos principios do seculo XII. Assimilha-se muito ao da egreja de Santa Maria de Toscanella nos Estados Pontificios [2]. Até as figuras dos capiteis são do mesmo gosto. Estão bem conservados os lavores das columnas por terem sido n'outro tempo cobertos de cal.

A porta transversa é menos ornamentada na archivolta e nos capiteis. Estes só teem folhagens, o que, juntamente com se parecerem na fórma aos que chamam cubicos, faria suppor na edificação maior antiguidade do que está indicando a porta principal. As columnas são tambem lavradas. N'algumas abunda a concha emblematica dos romeiros de S. Thiago, como se vê na Estampa 1.ª, figura 4.ª Faltam os tympanos em ambas as portas. O vão da ultima foi demais, alterado pela construcção de um arco de cantaria lisa. Por, cima da porta transversal vê-se uma cornija estribada em modilhões com carrancas e outras figuras. Esta parte, que caracterisa muito bem o estylo dos seculos XI e XII, guarnecia, segundo parece, as fachadas do templo na mesma altura, pois na parede do norte se conserva ainda um resto em tudo similhante ao que na figura 2.ª se representou por cima da porta meridional.

O interior da egreja, como já dissemos, perdeu pelas renovações de differentes epochas todo o signal de antiguidade. A parte posterior do vão da capella-mór foi cortada pelo retabulo de talha doirada, talvez porque, ficando essa parte subterranea, se tornaria extremamente humida. Quando em 1861 se alargou a antiga rua do Coruche, appareceu em certa profundidade a primitiva capella-mór de S. Thiago. Era, segundo nos informaram, um hemicyclo, ornado de columnas, similhantes ás da porta principal. Nos intercolumnios havia as estatuas dos Evangelistas. Os empregados das nossas obras publicas que de ordinario repugnam a archeologia, entulharam todo o vão, sepultando as estatuas, talvez do seculo XI, e por isso importantissimas para a historia da esculptura portugueza. O sr. Bento de Miranda guardou, por acaso, dois capiteis, de que nos fez obsequiosa offerta; um, pequeno com duas aves esculpidas, outro, maior com dois leões e muito similhante ao da porta principal representado na estampa 1.ª, porém menos damnificado pelo tempo.

Os tectos das naves são de estuque. D'onde se collige teremnos tido primitivamente de madeira, como as da egreja de S. Salvador.

A egreja de S. Salvador de Coimbra existia já quando Fernando Magno conquistou esta cidade aos moiros. Acha-se mencionada n'um inventario que os monges da Vacariça fizeram em 1064 de todos os bens que possuiam desde o Vouga até ao Mondego [3]. No anno de 1093, *em dias de Martinho Moniz e de sua mulher Elvira Sesnandiz*, fez João Gundesendiz uma doação *ad Aulam Sancti Salvatoris, obedientiæ Vaccarizæ, quæ est fundata in Colimbria Civitate juxta illos Mirleus qui dicuntur* [4]. Em novembro de 1094 o conde D. Raymundo doou á sé de Coimbra o mosteiro da Vacariça com todas suas pertenças e, por tanto, com a egreja de S. Salvador [1]. Em 1095 Bailessa e seus filhos doaram a ermida de S. Martinho á egreja de S. Salvador e ao mosteiro da Vacariça. [2].

Evidentemente anteriores ao seculo XI não ha nenhuns vestigios architectonicos n'esta egreja. Sómente o poderiam ser as paredes de alvenaria que nada conteem caracteristico. O *opus incertum* é de todos os tempos da edade media. Tudo nos induz a crer que os restos actuaes pertencem a alguma reedificação posterior ao anno de 1064 e talvez anterior ao de 1093 a que se refere o segundo dos documentos citados.

A egreja em seu interior assimilha-se muito á de S. Thiago, se bem que padecesse menos alterações. Estão livres as columnas primitivas que sustentam arcos de pouca espessura, incapazes de supportar abobadas. Com effeito, ainda hoje as tres naves teem tectos de madeira. Ora, como as abobadas constituem um aperfeiçoamento na arte romano-byzantina, a falta d'ellas nas egrejas de S. Thiago e de S. Salvador de certo modo attesta sua maior antiguidade em relação ás de S. Christovam e da Sé Velha.

Os capiteis de S. Salvador teem folhagens esculpidas, excepto os do cruzeiro, nos quaes se veem figuras de animaes de gosto muito similhante aos de S. Thiago. Os de ambas as egrejas, menos perfeitos que os de S. Christovam e da Sé Velha, denotam egualmente uma epocha mais remota. Emfim, quem comparar as estampas 1.ª e 4.ª achará muito parecidas as cornijas e archivoltas que ellas representam. As columnas e os capiteis do portal de S. Salvador, não, porque foram substituidos aos antigos em tempos posteriores. Somente lá ficou uma columna oitavada, differente das outras, e com ornatos eguaes aos que se veem nas da porta lateral de S. Thiago. Esses capiteis, pelo contrario, assimilham-se aos da Sé Velha, a cuja edade correspondem, bem como á data de uma inscripção embutida ao lado direito da porta.

D'esta inscripção appareceu pela vez primeira um *fac-simile* no *Antiquario Conimbricense* com a interpretação de Coelho Gasco que é a seguinte:

STEPHANUS :
MARTINI: SUA:
SPONTE : FECIT : HUNC :
PORTALEM : ET :
FRONTE : ERA : MCC :
VII: E: M.

Corrigiu depois aquelle periodico a interpretação, substituindo á palavra ET na 4.ª linha a palavra LESTIS. Emfim, pela terceira e ultima vez deu a licção do erudito abbade de Lobrigos, pondo-lhe, comtudo, alguns reparos [3]. A segunda interpretação parece a verdadeira. Quem examinar attentamente o *fac-simile* que faz parte da estampa 4.ª, mais fiel que o do *Antiquario*, conhecerá que na ultima palavra da quarta linha falta uma letra, da qual se vê ainda um vestigio e tambem o espaço que ella occupava entre o T e os pontos divisorios, concluindo, por tanto, que a palavra não pode ser *Leta*, mas com grande probabilidade *Lestis*. E, assim, com estas observações e com as que o exame archeologico do portal nos suscitou daremos por demonstrado que a inscripção, os capiteis e as columnas, excepto a mais antiga, vieram de outra parte para aquella em que se conservam. Não são raras estas trasladações que ás vezes parecem ao archeologo enygmas indecifraveis.

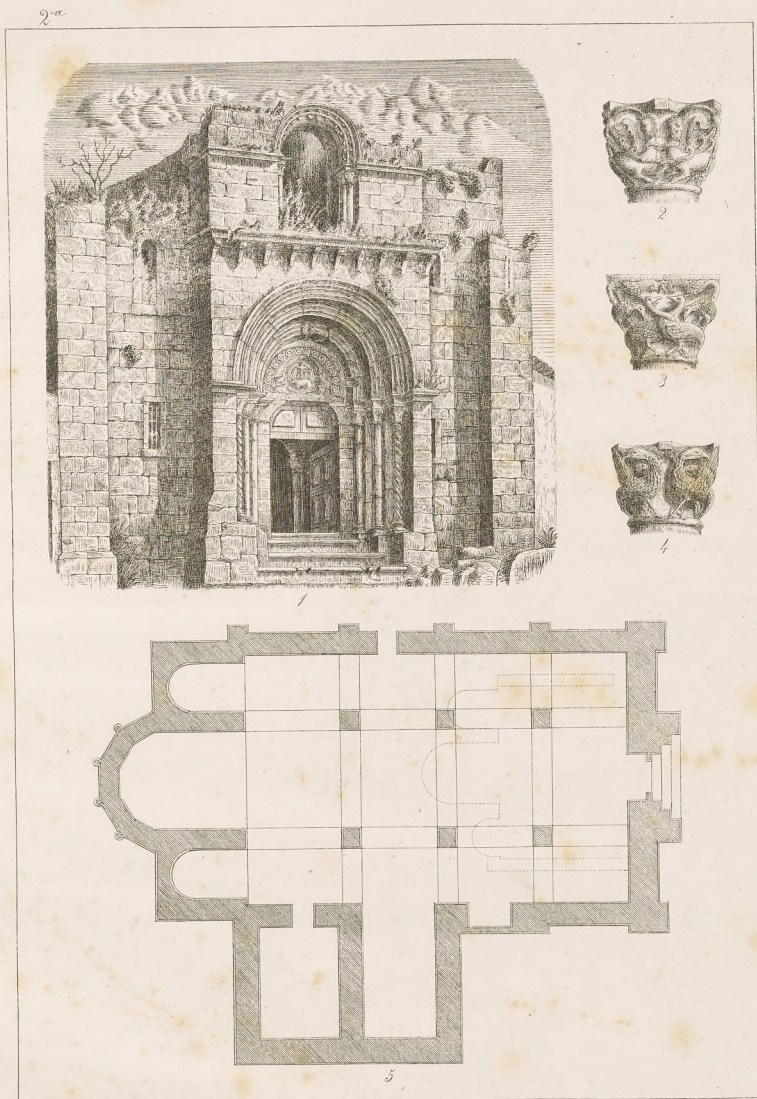
Ha dez annos que transformaram n'um theatro a velha egreja de S. Christovam de Coimbra. De sua veneranda fabrica não ficou patente um só vestigio. Foi completo o sacrificio. Á voz imperiosa das necessidades da moderna civilisação, um monumento perfeito da architectura christã cedeu o logar a um edificio acanhado e defei-

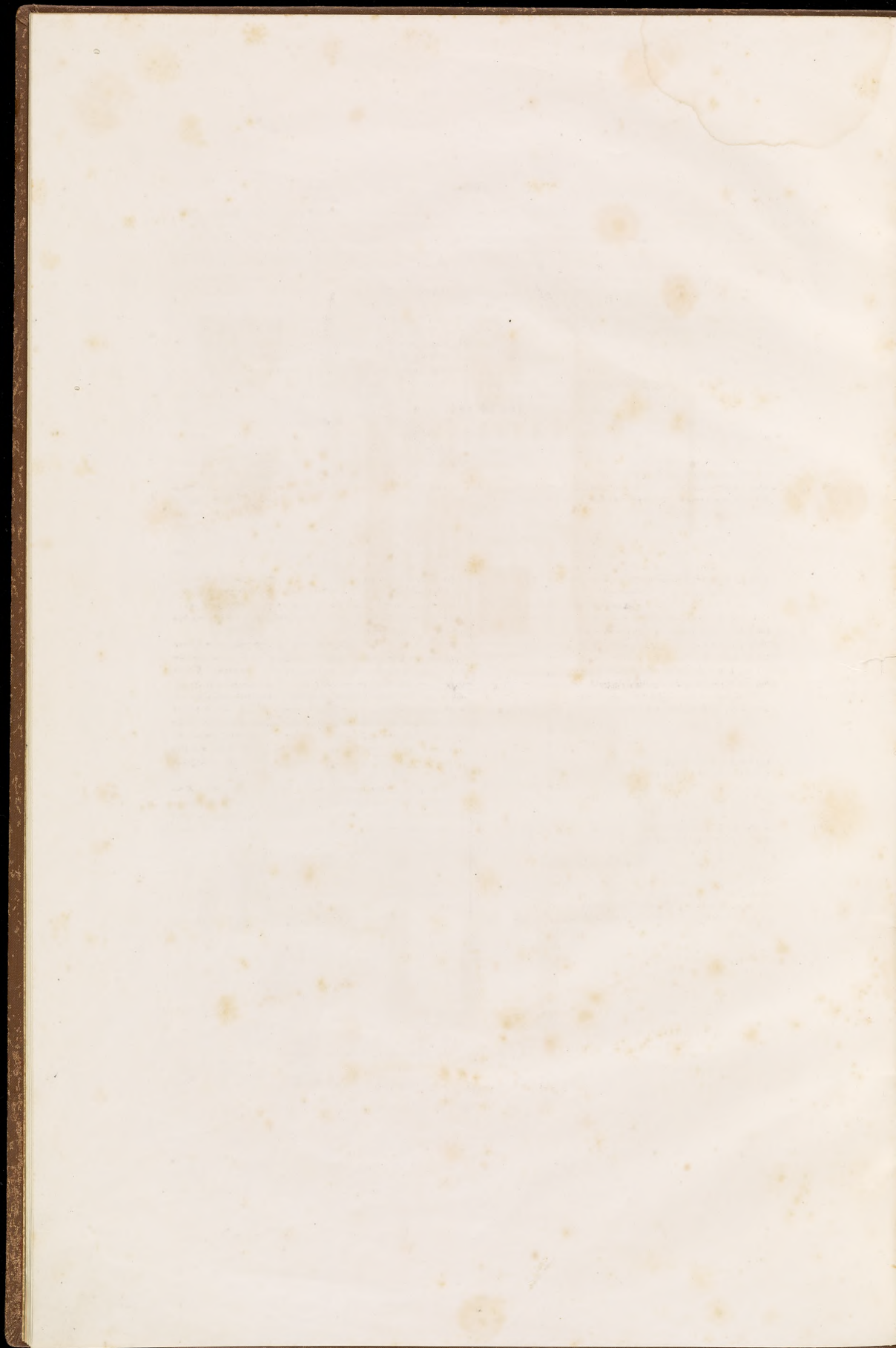
[1] Coimb. Glor. T. 1.º cap. 1.º § 15.
[2] Gailhabaud, Monuments anciens et modernes, tom. II.
[3] Portugaliae Monumenta Historica. Diplomata et Chartae, vol. 1, Fasc. 2, pag. 277.
[4] Viterbo—Elucidario, verb. *Mirleus*.

[1] Not. Hist. do Most. da Vacariça—2.ª Part. Doc. n.º 8.
[2] A. A. da Costa Simões. Historia do Mosteiro da Vacariça e da Cerca do Bussaco, pag. 7.
[3] Antiquario Conimbricense, n.ºs 7, 8 e 9.

2.ª

MARIZ J.or des. e gr.

Lith. da Impr. da Univer.de

FRONTISPICIO, CAPITEIS E PLANTA DA EGREJA

DE S. CHRISTOVAM DE COIMBRA

tuoso da alvenaria contemporanea. Aquellas paredes esmaltadas de hera e de musgo, aquellas pedras tisnadas pelos sóes de muitos seculos, aquellas formosas esculpturas, em que a firmeza do cinzel exprimia a força da nação pareceram velharias inuteis. As recordações gloriosas do reinado de D. Affonso Henriques deviam sumir-se para deixar em todo o esplendor as pinturas, a colla e os ouropeis do Theatro de D. Luiz.

Todavia, o desamor das artes, o despreso das tradições historicas, a estupida indifferença para com as memorias do passado não chegaram ainda a tal ponto que nos tornasse impossivel dar hoje por meio do desenho, uma idéa clara e exacta do que foi aquella egreja. O sr. conde da Graciosa, collector diligente de curiosidades artisticas e naturaes, recolheu com louvavel empenho em suas propriedades de Luso e da Graciosa alguns capiteis e outros ornatos que estariam provavelmente destinados para avolumar as paredes do theatro. O sr. Luiz Augusto Pereira Bastos, á primeira noticia da demolição, correu pressuroso a desenhar o frontispicio da egreja antes que a pozesse por terra o camartello destruidor. O sr. Antonio Francisco Barata, dedicado cultor da poesia do passado, guardou com veneração a planta do edificio. Ao amoroso cuidado d'estes tres homens e ainda ao santo zelo com que o sr. Joaquim de Mariz Junior, fervoroso devoto das coisas da nossa terra, foi em piedosa peregrinação a quatro leguas de Coimbra desenhar os capiteis, devemos a estampa 2.ª, sem a qual menos completo ficaria este trabalho.

Nos principios do seculo XII vieram de França a Coimbra uns religiosos, cujo prelado ou cabeça se chamava João, por alcunha Peculiar ou Ovelheiro, os quaes obtiveram licença do Conde D. Henrique para fundar um mosteiro, onde vivessem em communidade, segundo a regra de Santo Agostinho [1].

Este D. João Peculiar é o mesmo que depois, sendo arcebispo de Braga, teve grandes desavenças com os bispos de Coimbra D. Bernardo e D. João Anaia, chegando a commetter roubos e sacrilegios, em sua propria casa e egreja. O mais notavel d'esses crimes de que o accusaram foi o desacato perpetrado em S. João de Almedina, onde rasgou os ornamentos do altar, quebrou cruzes e lançou por terra as sagradas fórmas, esmigalhando-as com os pés [2]. D'aqui se vê que toda a sua humildade e exemplares costumes e serviços que prestou, em quanto religioso, não foram mais que um fingimento, um meio de elevar-se para largar depois o freio aos maus instinctos que antecedentemente dominára. Até nos tempos da sua maior austeridade e pureza, apparecem d'estas manchas indeleveis nas ordens monasticas.

[1] Prova-se com a carta do bispo D. Gonçalo e com a Vida de D. Tello. A carta vem transcripta na *Coimbra Gloriosa*, ms. da Bibliotheca Nacional, e nas *Noticias Ecclesiasticas do Bispado de Coimbra* de Francisco Leitão Ferreira, ms. da Bibliotheca publica de Evora. Diz assim:

Gondiçalvus Episcopus Conimbrigens vobis devoto Abbati Joannis et coeteris Heremitis qui vobis adhærent et adhaerere voluerint secundum regulam beati Augustini, facimus licentiam habitandi in hac civitate in monasterio quod vobis construere statuit Illustris Dominus Comes Henricus, quod tamen secundum Ecclesiastica nostra sit sub potestate et dominio... Julianus Menendi presbyter notarius scripsit. Kalendis Octobris era M...

Lê-se na Vida de D. Tello:

«Veera entom huum mancebo que se dizia Joham ouelheiro; o quall em seu nome e sobrenome demostrava as ouelhas de deus. E este veera de frança, e per boo regimento e conselho ordenou huma booa cassa de religiosos em Sam Christovam.»

Portugaliæ Monumenta Historica. Scriptores, vol. 1.º pag. 76.

[2] Noticia Historica do Mosteiro da Vacariça, part. 2.ª, doc. n.º 14.

Os mais antigos documentos que se conhecem, além da carta citada em nota, respectivos á egreja de S. Christovam, são uma inscripção em que se memora a morte de D. João Pater, presbytero, em 21 de dezembro do anno 1169 [1], uma doação de certas casas que lhe foi feita por Martim Anaia e sua mulher Elvira no mez de fevereiro da era de 1211 (anno de 1173) [2] e uma inscripção sepulchral achada na base do cunhal da frontaria, ao lado esquerdo, quando em 1858 se principiou a obra do theatro. N'esta inscripção decifrou o sr. Ayres de Campos algumas letras avulsas e a data: E: M: CC: XVIII: correspondente ao anno de 1180.

O auctor da *Coimbra Gloriosa* [3] descreveu a egreja de S. Christovam nos termos seguintes:

«Tem a capella-mór ao nascente, porta principal ao poente, travessa ao sul. Tem o templo 60 palmos de alto, 115 de comprimento e 58 de largo, obra toscana e de tres naves, fabricada de pedra e cal e de abobada, a qual se segura sobre tres columnas de cada parte e por todas são seis. Tem o coro quatorze cadeiras com sufficiente claridade provinda de oito frestas, entre ellas cinco que foram abertas no anno de 1754.... tambem lhe foi posta no mesmo anno uma cruz de pedra no tecto da egreja ficando arvorada para o poente. N'este tempo foram extrahidas do frontispicio varias carrancas de pedra.»

Segundo uma communicação do sr. prior M. da C. Pereira Coutinho, bem conhecido por seus estudos archeologicos, as columnas de S. Christovam eram de um só corpo e coroadas por capiteis modelados pelos da Sé Velha. A cada uma das tres naves correspondia um altar em fórma de semi-circulo que parecia da construcção primitiva. Finalmente as paredes eram guarnecidas de ameias como as d'aquelle templo.

Quando se fez a demolição appareceu pela parte anterior, junto da porta um subterraneo com fórma analoga á da egreja, porém em ponto mais pequeno. Nas paredes d'este subterraneo viam-se vestigios de pinturas a fresco. Dois grandes pedestaes de alvenaria, quadrangulares e não afeiçoados serviam de apoio ás duas columnas do templo que a esta parte correspondiam. Na planta da estampa 2.ª vê-se indicada com pontos esta construcção inferior. Pelo logar que occupava, por sua fórma e pintura, bem se conhece ter sido uma crypta [4]. Convem saber que na Sé de Lisboa appareceu tambem um subterraneo em logar correspondente junto da porta principal.

No capitulo seguinte mostraremos como as similhanças da architectura da egreja de S. Christovam e da Sé Velha, auctorisam a suppôr que foram obra do mesmo architecto, ou pelo menos de artistas contemporaneos e da mesma eschola.

[1] Antiquario Conimbricense n.º 8.

[2] J. P. Ribeiro. Observações de Diplomatica Portugueza.

[3] Coimbra Gloriosa, tom. 1.º, cap. 4.º, part 1.ª § 11.

[4] Bourassé. Archeologie Chrétienne pag. 80 a 85.

CAPITULO III

Monumentos antigos; os templos. — Fundação da Sé Velha de Coimbra.—Opiniões varias a este respeito.—Letreiro arabigo.—Prova-se ter sido edificada no seculo XII.—O conde D. Henrique não foi o seu edificador.— Noticia das obras da Sé, extrahida do Livro Preto.—Descripção do templo.—Alterações feitas exterior e interiormente na fabrica primitiva.—Como a Sé Velha está e como deveria estar.

A contemplação dos monumentos da antiguidade arrebata o espirito para fora das angustias do presente e transporta-o em deleitoso enlevo aos aditos mysteriosos do passado. As pedras denegridas, as ruinas desmantelladas cercam-se de aureolas luminosas, que dissipam as trevas remotas e patentêam aos olhos da alma o que os do corpo não podem ver. A' similhança da vara de Endor, a memoria evoca as sombras dos homens que ha muito cessaram de existir e restitue-lhes nos proprios logares, em que viveram, os vultos repellentes ou sympathicos, os gestos temerosos ou suaves e as palavras iradas ou facundas. Recrêa-se a phantasia n'esta resurreição virtual dos antigos portuguezes e em vêl-os e ouvil-os esquece com as glorias passadas as miserias de agora. Os castellos, os paços, as liças recordam-nos assaltos e pelejas, saraus e folguedos, justas e torneios. Porém as lembranças que os templos suscitam só excepcionalmente são de successos mundanos. Erguidos da terra ao ceu pela piedade dos fundadores, santificados pelas preces de muitas gerações, exornados com o symbolo augusto da redempção e com as estatuas venerandas dos santos da egreja, representam aos crentes a celestial morada e servem-lhes de asylo e de conforto na inclemencia do mundo, como os oasis aos viajantes na aridez do deserto.

Mas aquelles, a quem na adolescencia o vento resequido da philosophia esfolhou uma a uma as doiradas crenças da infancia, e trocou as flores da fé pelos abrolhos da duvida e as côres vivas do prisma pela negridão de incredulidade, esses, ainda assim, acham nos templos vetustos irresistivel encanto. Prendem-se-lhes infinitas recordações historicas, como a hera pelas fendas das paredes carcomidas e tisnadas; abundam em seus recintos as reliquias interessantes de muitas gerações; servem, finalmente, os lavores artisticos de espelho magico e fiel em que se reflectem o viver, o crer e o sentir das edades que foram.

Quem, nos saudosos tempos da infancia entrava tomado de respeito na Sé Velha de Coimbra, e não via senão o que os olhos da devoção queriam ver; hoje póde descobrir muito mais, tudo o que a historia, a critica e a arte lhe mostrarem. Entretanto, a sciencia de homem não lhe recompensará a perda da ignorancia de creança; pois que vale a sciencia em comparação da felicidade?

Conforme a opinião mais commum aos antigos auctores e a tradição popular, a Sé Velha de Coimbra foi edificada pelos moiros, para lhes servir de mesquita, e consagrada ao culto christão depois da ultima conquista da cidade.

Não faltou ainda quem mais alto lhe remontasse a origem, suppondo-a obra de godos e anterior á dominação arabe. Por maravilha, não chegaram a dar-lhe foro do monumento romano, para o que não haveria por certo maior impossibilidade a vencêr. Com effeito, nem exterior nem interiormente nos offerece o templo um só vestigio do estylo romano-byzantino primario usado pelos architectos christãos até ao seculo XI, cuja feição particular o distingue muito bem do secundario e do terciario que se lhe seguiram.

Egualmente se differença de todos os outros o estylo arabe, que só pode ver na Sé Velha quem estiver em completa ignorancia da historia da architectura e de seus varios generos.

Entretanto, o achado que se fez ha alguns annos de um letreiro arabigo na parede septemtrional do templo pareceu vir em reforço da opinião que, por outra descoberta, a de um documento do Livro Preto, principiava a cahir em descredito. Esta inscripção que o leitor achará na Estampa 4.ª traduziu-a assim Antonio Caetano Pereira:

«Honra e gloria em especial foi dada a este logar pela nossa assistencia n'elle. Exaltado seja aquelle que o tornou em logar de asylo para os que vieram guardal-o e defendel-o.»

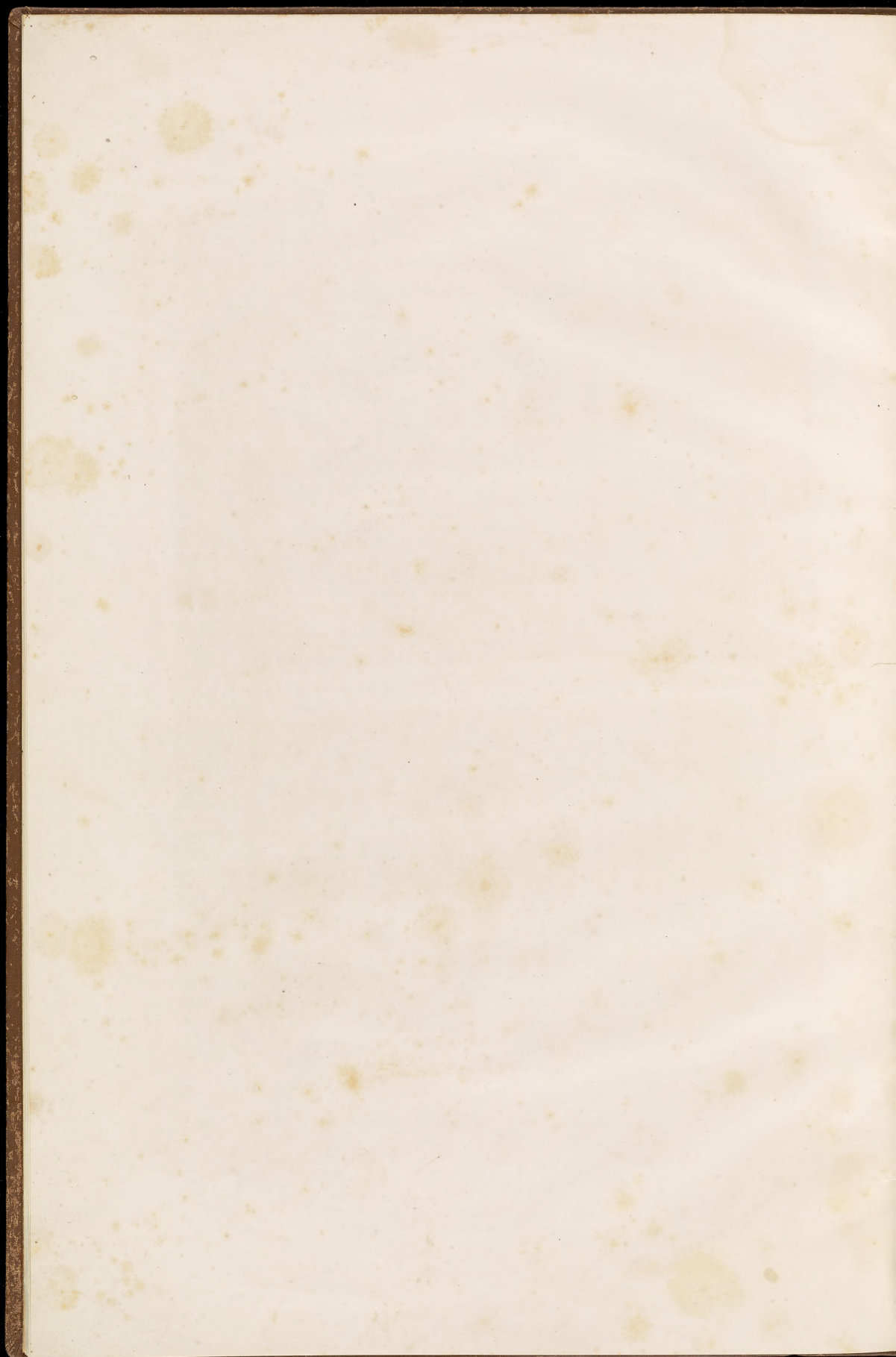
Havendo, porém, como todos sabem, razões para duvidar da competencia do traductor, e constando-nos demais, por um seu manuscripto, que desacertadamente suppunha: 1.° Que a edificação da Sé Velha datava do meiado do seculo V: 2.° Que depois no seculo VIII sob o dominio dos arabes fora convertida, não em mesquita, mas em castello militar ou alcaçar, sendo seu governador Ali Habuacem: [1]

[1] Para que nos não taxem de exagerado aqui damos o manuscripto. «Em uma especie de Manifesto que tenho escripto na lingua latina para ser remettido ás principaes Academias da Europa, quando houver occasião opportuna, onde além de outras interpreto algumas das Inscripções em caracteres Greco-Barbaro-Syriacos que circumdam a Sé Velha de Coimbra, e a em caracteres Arabicos-Cuficos-Mixtos, e por ellas provo a seguinte opinião que sigo: 1.° a edificação da Sé Velha de Coimbra data do meiado do 5.° seculo: 2.° depois no 8.° seculo sob o dominio dos Arabes foi convertida não em Mesquita, mas em Castello militar ou Alcaçar, sendo seu governador Ali Habuacem, como o indica a Inscripção, e o confirma Fr. Bernardo de Brito na 2.ª Parte da Monarchia Lusitana, servindo-se dos documentos, que achou entre os manuscriptos de Lorvão; 3.° Foi ultimamente transformada e augmentada por D. Affonso Henriques, de que existem na His-

3.ª

MARIZ J.or des. e gr.

Lith. da Impr. da Univer.de

FRONTISPICIO DA SÉ VELHA DE COIMBRA

remettemos uma copia do letreiro, ao sr. D. Pascual de Gayangos, que se dignou de enviar-nos a seguinte interpretação, feita como se vê, com todo o cuidado e minuciosidade:

سنب	
اتقنه	edificou-o com solidez
احمد	Ahmed
بن	Ben
اسمعيل	Ismael
بواسد	por mandado de

A primeira palavra não a poude decifrar o sr. Gayangos, porém suppõe que significará parede, muro de reforço ou obra de estructura similhante. Tambem não chegou a ler o final. Além de estar gasta do tempo a pedra, a inscripção, conforme entende o sr. Gayangos, não está completa, mas é fragmento de outra que deveria constar de duas ou mais regras, [1] o que fazendo muito difficil a leitura, levou o traductor a declarar que não tem grande confiança na traducção. Seja, porém, este ou outro o verdadeiro sentido d'aquelles caracteres, no que podemos assentar como em coisa certa, por se não dever enganar n'isto um arabista de primeira plana, é que a inscripção está partida, e que, por tanto, a pedra em que foi gravada veiu d'outro logar para aquelle em que se conserva, pois nem ella nem as mais proximas patenteam o menor vestigio de outras letras. O mais provavel é que tivesse pertencido á mesquita ou a outro edificio arabe, de cujos materiaes seriam aproveitados alguns para a construcção da Sé Velha.

Concedamos, porém, hypotheticamente e em contrario de todas as razões expostas, que a inscripção, significando o que leu o sr. Gayangos ou outra coisa, foi logo em principio embutida na parede de que faz parte e para isso mesmo gravada. Ainda assim, de modo nenhum provará ser edificio arabe um templo de estylo todo christão, pois ninguem até hoje chamou poema italiano aos Luziadas só por conterem um verso na lingua de Tasso e de Ariosto. E, se alguem quizer explicar o facto, dizendo que um architecto arabe construiria o templo para os christãos, conforme o plano de suas edificações religiosas, objectar-lhe-hemos que não ha exemplo de tal variedade de estylos nos artistas da edade media; além de que, observa Caveda que, empregando com frequencia os arabes architectos christãos em suas obras, não costumavam estes servir-se d'aquelles.

Já vimos que interior ou exteriormente nenhum vestigio offerece a egreja da Sé Velha do estylo romano-byzantino primario que durou até ao anno de 1000. E com quanto seja mais difficil differençar o secundario (de 1000 a 1100) do terciario (de 1100 a 1200) a ponto de alguns archeologos os fundirem n'um só, ao ultimo de todos se deve attribuir o nosso templo. Não sómente o persuade a perfeição da esculptura observada nas archivoltas, nos capiteis e nos ornatos de toda a especie, mas tambem o confirma a comparação do edificio da Sé Velha com o de S. Christovam. Em ambas as plantas similhantes correspondem frontispicios e absides similhantes. Em ambas a parede sahe fóra n'algumas partes, formando uns como gigantes, sem todavia o parecerem. Em ambas os arcos das portas principaes ficaram separados das janellas superiores por cornijas. Em ambas se guarneceram as paredes de ameias. Em ambas, finalmente, se nota extrema similhança nas archivoltas e seus ornatos, nos capiteis, columnas, etc. De modo que a todo o archeologo parecerá obvio terem sido estes dois templos construidos na mesma epocha e pelo mesmo architecto ou, ao menos, por artistas da mesma eschola.

Todas as indagações archeologicas parecem, porém, insufficientes para determinar o quartel do seculo XII em que se edificou a magestosa cathedral de Coimbra. N'este ponto havemos de passar do campo da arte para o da historia afim de chegar a uma solução que venha a abranger um espaço de tempo mais limitado. E felizmente a historia, que tantas vezes emmudece quando a interrogam em similhantes questões, não nos deixará, por agora, sem resposta.

Segundo alguns escriptores que attribuem ao conde D. Henrique o restabelecimento das cathedraes de Coimbra, Vizeu, Lamego e Porto, ao tempo d'este principe deveremos remontar a edificação da primeira. D'esta noticia com boas razões duvidaram S. Luiz e Antonio d'Almeida [1]. Extrahiu-a Duarte Galvão das Memorias de Santa Cruz de Coimbra, que por serem escriptas já no seculo XV carecem de authenticidade [2].

Francisco Leitão Ferreira nas Noticias Ecclesiasticas do Bispado de Coimbra, que existem ineditas na bibliotheca publica de Evora [3], fallando do bispo D. Gonçalo, diz que em seu tempo começára o conde D. Henrique a edificar a Sé de Coimbra, que hoje existe, e que antes d'esta fundação servia de egreja cathedral a de S. João d'Almedina, onde estão os bispos sepultados, e tambem a de S. Pedro, como consta de uma pedra que está n'ella por memoria. Tudo isto o auctor extrahiu da copia d'um catalogo dos bispos de Coimbra, tirada de certo livro do cartorio do cabido d'esta cidade, e conservada na livraria do conde do Vimieiro.

Crêmos não ser este o conhecido catalogo de Pedralvares Nogueira, d'onde Miguel Ribeiro tirou outra noticia relativa ao ataque dos moiros á cidade de Coimbra em 1117, «em que mataram muita gente e derribaram muitos edificios e pozeram a Sé quasi por terra, a qual o bispo D. Gonçalo mandou fazer á sua custa;» *e isto*, adverte o citado Miguel Ribeiro, *diz o Dr. Pedro Alvares com bons fundamentos*. Pela nossa parte, crêmos que nem bons nem maus os teria, e que todas as referidas noticias tiradas dos catalogos do cabido de Coimbra não são mais que um labyrinto inextricavel de erros e de inexactidões.

A opinião já mencionada de Antonio d'Almeida e de D. Francis-

toria d'aquelle Reinado as Ephemerides ou contas de despeza, que houve n'essa reconstrucção.

Só exijo o não se me applicar o bem conhecido
Hos ego versiculos feci
Tulit alter honores.

A. C. Pereira.»

[1] Uma das razões porque o sr. Gayangos entendeu estar mutilada a inscripção da Sé Velha foi o não lhe achar no principio a formula: EM NOME DE DEUS CLEMENTE E MISERICORDIOSO, por que principiam todas as legendas monumentaes, sepulchraes ou monetarias dos arabes orientaes e occidentaes.

[1] Memorias da Academia, tom. XII, 2.ª p. pag. 88 e tom. XI, 1.ª e 2.ª p.

[2] Portug. Mon. Hist., Script. vol. 1, fasc. 1.

N'estas mesmas Memorias se lê o seguinte: «ElRei dom affonso anriques deu pera feitio do claustro da see de Coimbra XXII mil dinheiros de ouro.»

D. Sancho I deixou em seu testamento 2:000 morabitinos para este mesmo claustro. (A. Herculano Hist. de Port. tom. 2.º pag. 436).

Emfim, D. Affonso II no anno de 1221 consignou ainda para o mesmo fim a dita somma n'uma declaração que fez com D. Mendo Gonçalves. (Viterbo — verb. *Bauilio*. Figueiredo—Nova Malta p. 1.ª, pag. 269 e 270).

O claustro é ogival e sómente pelo estylo póde attribuir-se a uma epocha posterior a D. Affonso Henriques e anterior a D. Affonso IV.

[3] Codice $\frac{C\ IV}{2-2}$

co de S. Luiz que negaram ao conde D. Henrique a parte que se lhe tinha attribuido na edificação das Sés de Coimbra, e de outras cidades concorda com a historia do seu governo. Residindo quasi sempre fóra de Portugal, deixando invadir as fronteiras pelos sarracenos e tomar até algumas terras importantes, avexando os povos com tributos e particularmente os de Coimbra que chegaram a revoltar-se contra os que superintendiam ou auctorisavam a cobrança d'elles, não é crivel que dispendesse em edificações religiosas de grande custo o dinheiro que com repugnancia lhe davam e de que tanto precisava para suas frequentes viagens e para as tramas politicas em que andava envolvido. Demais, as duas noticias extrahidas dos catalogos dos bispos nem ao menos concordam, porque em 1117, anno em que se diz destruida a Sé que depois o bispo D. Gonçalo reedificou, era já fallecido o conde D. Henrique. Por outra parte, inadmissivel parece que os moiros entrassem em Coimbra por aquella fórma sem chegar a senhoreal-a, o que está bem longe do que a historia declara, e vem a ser que, tendo sitiado debalde por espaço de vinte dias a cidade, se retiraram contentando-se de assolar os arrabaldes [1].

Um documento importante que o sr. Rebello da Silva fez conhecido [2] veiu felizmente lançar grande luz na historia até então muito escura da velha cathedral de Coimbra. É uma memoria dos beneficios feitos a esta Sé pelo bispo D. Miguel que governou a diocese desde 1162 a 1176. Faz parte do *Livro Preto*, d'onde foi extrahida por Miguel Ribeiro de Vasconcellos para a publicar em sua Noticia Historica do Mosteiro da Vacariça. O grande interesse archeologico d'este documento obriga-nos a traduzil-o quasi na integra, reservando para depois o seu exame critico em ordem a determinar a verdadeira edade do monumento, cuja fundação tem sido objecto de tantas e tão varias opiniões.

O bispo D. Miguel deu para a obra da Sé 500 morabitinos, além de uma formosa junta de bois avaliados em 12 morabitinos. Para se augmentar o retabulo de prata do altar, sete marcos e meio de prata no valor de 68 morabitinos. Para duas galhetas *(cantarinos)* com que se lançasse o vinho e a agua no calix, 9 morabitinos. Deu mais para este ou para outro fim um marco de prata com seu lavor. Para outro retabulo ou frontal *(tabula de ante altare)* dourado que fez mestre Ptolomeu 150 morabitinos por um anno. Para outro retabulo doirado *(tabula de super altare)* com a pintura da historia da Annunciação de Santa Maria, 10 morabitinos. Ao mestre Bernardo que foi quem dirigiu a obra da egreja por dez annos, 124 morabitinos, além dos alimentos que lhe dava á sua meza episcopal e de um vestido em cada anno no valor de 3 morabitinos. Ao mestre Roberto que veiu de Lisboa por quatro vezes para aperfeiçoar a obra e o portal da egreja, deu por cada vez 7 morabitinos e outros 10 morabitinos para a despeza feita por cada vez em pão, vinho e carne para os seus quatro moços e rações para os seus quatro jumentos. Deu mais para a obra da Sé por mão de Martinho Senior 1:500 morabitinos das rendas episcopaes e uma junta de bois avaliados em 12 morabitinos. A mestre Sueiro que por morte de mestre Bernardo lhe succedera deu um vestido, um quintal de vinho e um moio de pão. Para um jarro *(aqua manile)* e bacia para o serviço do altar, lavrados pelo ourives Felix, 7 morabitinos. Para uns sapatos com que, em vez de sandalias, celebrassem a missa, 2 morabitinos. Por ordem do rei D. Affonso mandou fazer á custa da mitra um calix de oiro purissimo do peso de 4 marcos. Para a composição e lavor da ara e das columnas do altar de Nossa Senhora e para o pavimento das absides construido de pedras quadradas 40 morabitinos. Deu para a cruz de oiro purissimo 700 morabitinos e mais 9 marcos e 1 $1/2$ onça de oiro. N'esta cruz estavam embutidas uma parte maior e outras particulas menores do sepulchro do Senhor, duas particulas da verdadeira pedra do monte Calvario, e n'uma d'ellas ao meio da cruz se via a imagem do Senhor crucificado diligentemente esculpida, e a seus pés uma particula do precioso lenho da Santa Cruz, e d'um lado a imagem da Santissima Virgem em pé junto da cruz, e do outro lado a imagem de S. João. Na parte inferior da cruz de oiro havia outra porção da pedra do Calvario engastada em oiro, na qual longitudinal e transversalmente se via, á imitação da cruz do sepulchro do Senhor, uma parte do precioso lenho de tal modo pregado na pedra que a todos ficava bem patente. Depois que renunciou o episcopado deu para a Sé 4 purpuras do valor de 100 morabitinos e para a obra da egreja 700 morabitinos e por outra vez 500 morabitinos e uma casula de modebage vermelho, avaliada em 25 morabitinos [1].

Da analyse d'este documento resaltam os corollarios seguintes:

1.º Que no tempo do bispo D. Miguel e por sua propria iniciativa se trabalhava com grande actividade nas obras da Sé, o que naturalmente leva a crêr que seriam começadas pelos annos de 1160 pouco mais ou menos. Com effeito, depois de proseguirem os trabalhos no espaço de dez annos sob a direcção de mestre Bernardo, succedeu-lhe mestre Sueiro, vindo, além d'isto, por quatro vezes de Lisboa mestre Roberto *para aperfeiçar a obra e o portal*. Ora, sendo grandes a distancia e a difficuldade de transporte, provavel se faz a supposição de que este ultimo architecto não viesse por mais de uma vez em cada anno a Coimbra. Por onde se prova que depois de dez annos de continuo lavor estava ainda a edificação longe do seu termo.

2.º Que as sommas dadas pelo bispo D. Miguel para a obra da Sé, importantissimas em relação ao tempo, parecem corresponder melhor a uma construcção desde os alicerces do que á continuação de anteriores trabalhos. É certo que muitos escriptores discordam no valor que tinham os morabitinos, e não falta ainda quem supponha que esta palavra teria significação generica para designar varias especies de moeda. Entretanto, o proprio documento nos dá o valor exacto dos morabitinos a que se refere fazendo, 68 eguaes a 7 $1/2$ marcos de prata. Segundo este computo, as dadivas do bispo applicadas exclusivamente á obra montariam a uns 330 marcos, quantia, que, pela barateza dos materiaes e pela pequenez dos salarios (muitos dos operarios deveriam ser escravos) chegaria talvez n'aquella epoca para a despeza total da edificação.

3.º Que a duração das obras, comprehendeu os dez annos em que as dirigiu mestre Bernardo e o espaço de tempo em que lhe succederam Sueiro e Roberto, espaço indeterminado, porém, pouco menor que o primeiro, sem duvida, pelas razões já mencionadas. E d'ahi se deduz que a edificação da Sé Velha de Coimbra, a que se refere o documento, duraria o mesmo ou pouco menos que a da Sé de Evora, a qual levou vinte annos, desde 1186 até 1206.

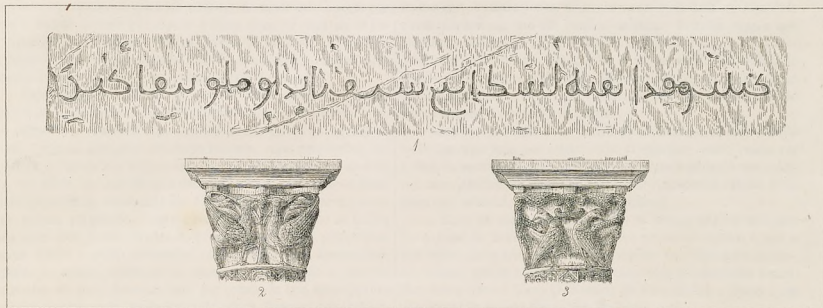
4.º Que, em vista de todas estas considerações, assentaremos em que a Sé Velha de Coimbra foi edificada, reinando D. Affonso Henriques, pelo bispo D. Miguel, de 1160 a 1180, pouco mais ou menos.

Ergue-se o magestoso templo a meia encosta do monte em que jaz edificada a cidade. Tem por planta um extenso parallelogrammo orientado de nascente a poente, e cortado de norte a sul em fórma de cruz pelo transepto. Livres e desobstruidas as fachadas occidental e septemtrional patenteam logo aos olhos do observador a fórma e grandeza do edificio, o estylo e antiguidade de sua fabrica, a perfeição e delicadeza de seus lavores e até os accrescentamentos antigos e modernos que deturpam e adulteram seu venerando aspecto. O aprumado das solidissimas paredes, o denegrido das pedras de que são feitas, as ameias que as guarnecem, as saliencias rectangulares, que por segurança formam, e que menos parecem gigantes que torres ou baluartes, tudo contribue para dar á velha cathedral uma feição bellicosa, capaz de illudir os inexpertos, figurando-lhes uma obra de architectura militar. Este caracter, porém, é commum a outros edificios religiosos dos primeiros reinados. A architectura constituiu-se, como a monarchia portugueza, forte, guerreira e austera, disposta para as luctas que haviam de consolidar a independencia nacional, e para affrontar nos seculos subsequentes as injurias do tempo e dos homens. O sentimento religioso e o do amor da patria manifestavam-se conjunctamente, como se um no

[1] A. Herculano, Historia de Portugal tom. 1.

[2] A Epoca, tom. 1, 1849, pag. 281 e 282. — Panorama, tom. 10, 1853, pag. 11 e 18.

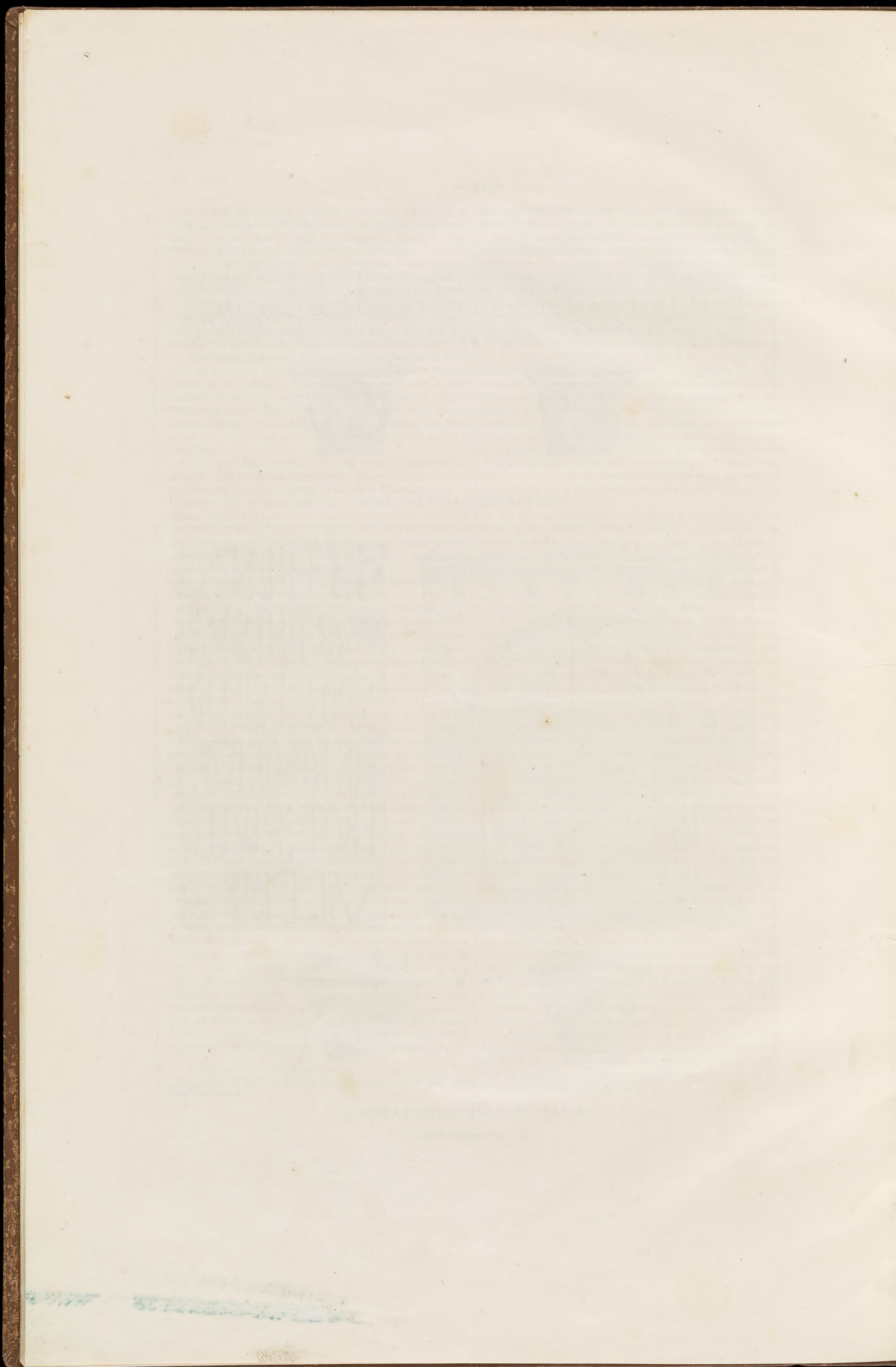
[1] Not. Hist. do Most. de Vacariça part. 2.ª doc. n.º 19.

4.ª

INSCRIPÇÃO E CAPITEIS DA SÉ VELHA DE COIMBRA

MARIZ J.or des. e gr.

Lith. da Impr. da Univer.de

PORTA, INSCRIPÇÃO E CAPITEIS DA EGREJA

DE S. SALVADOR DE COIMBRA

outro se fundissem. Se as ameias defendiam a egreja, a cruz protegia a fortaleza; se o templo, em ultimo extremo, servia de reducto, o castello era tambem logar de piedosas orações. Os inimigos da patria egualmente o eram da religião, de modo que, pugnar por uma o mesmo parecia que exaltar a outra. DEOS E PATRIA eis as palavras magicas que durante seculos fizeram de Portugal a nação forte e poderosa que primeiro abateu vaidades de Castella e depois preponderou entre as nações das quatro partes do mundo!

Vejamos agora as obras com que em varias epochas a ignorancia e o mau gosto irrisoriamente offenderam o estylo grave e puro do templo e a harmonia com que todas suas partes se correspondiam, como os membros do corpo humano, cujas proporções, estructura e formas são inalteraveis. Na fachada principal vê-se alvejar, ao modo de polvilhada cabelleira, a torre com suas ventanas inteiramente lisas, construida em 1839 para accommodar uns sinos que tinham pertencido á egreja de Thomar. Posto que se fizesse esta obra com pedras tiradas do proprio templo e se pretendesse imitar n'ella o estylo primordial, guarnecendo-a de ameias similhantes ás outras, facilmente se descobre a falsificação do enxerto moderno. E' para lamentar que por causa de uns sinos que em qualquer outra parte, ainda longe da egreja, ficariam bem collocados, se commettesse tamanho vandalismo [1].

Aos lados da porta principal vêem-se duas janellas que não estão em harmonia com o restante do frontispicio. Com effeito, havia em seu logar duas frestas, que sendo provavelmente similhantes ás da fachada septemtrional, o bispo D. João de Mello mandou alargar para dar mais luz ao interior [2]. Depois do seculo XVI foi geral empenho de bispos e cabidos o tirar aos templos edificados na edade media um dos seus mais bellos attributos, qual era o das sombras mysteriosas das naves que incitavam o espirito á meditação e o desviavam do mundo visivel para o invisivel. E' tambem obra posterior á primitiva a grade de pedra da varanda do côro por cima da porta principal. Parece do tempo em que se reformou grande parte da fachada do norte por ser tambem de pedra d'Ançã. N'aquella porta falta o tympano que seria similhante ao da egreja de S. Christovam, de cuja delicada esculptura dá idéa a estampa 2.ª

Na fachada septemtrional as alterações são muito maiores. Parte da parede primitiva foi revestida com um portico que se eleva desde o chão até ás ameias. Por cima da porta veem-se dois andares com balaustradas e com grande copia de ornatos e de figuras symbolicas. Obra de transição do estylo manuelino para o romano, já mostra alguns arremedos das ordens dorica e corinthia. Chamava-se *Porta Especiosa* [3]. E' commum a opinião em que se attribue este accrescentamento ao bispo D. Jorge d'Almeida. O sr. Varnhagen julgou reconhecer nos lavores o cinzel de João de Castilho [4]. A outra porta transversal que se chamava de *Santa Clara* [5], tambem foi alterada com reparos que lhe fizeram e com substituições do mesmo estylo e da mesma pedra do portico.

N'esta fachada septemtrional e da parte do adro vê-se fixo na parede um tumulo de pedra com tampa abaulada, onde repousam, segundo diz a inscripção, os restos de D. Sesnando e de um sobrinho seu. Os caracteres, entendeu João Pedro Ribeiro poderem attribuir-se a qualquer epoca desde D. João I até D. Manuel [1]. Parece, por tanto, que os restos mortaes do conde de Coimbra foram trasladados de outro logar, talvez da egreja de S. João de Almedina ou da de Mirleus que elle proprio edificara. Brandão suppoz que de todo o principio estivera o tumulo no sitio em que se vê, adduzindo em prol de sua supposição o não se sepultarem n'aquelle tempo dentro das egrejas, nem ainda os maiores principes [2], no que manifestamente errou, por julgar que já existia o actual edificio da Sé ao tempo da morte do conde.

Contrasta por moderno o estylo do zimborio com o do templo onde foi enxertado no seculo XVII. O anterior, como vamos ver n'uma memoria que d'elle felizmente se conservou, tinha tres andares com janellas em todas as quatro faces, disposição muito commum nas torres do estylo romano-byzantino:

«Tinha ha poucos annos em cima da capella-mór um corucheu de extremada altura, vestido por fóra de azulejo branco e azul e por dentro tinha tres sobrados com janellas em todos para os quatro ventos; porém por se temer alguma ruina que ameaçava o mandou desmanchar o bispo D. Antonio de Vasconcellos e Sousa e em seu logar fez no seu tempo um zimborio...»[3]

Na parte posterior ao templo só ficou livre de subsequentes edificações o abside do norte, que contém o altar de S. Pedro, em cuja parede de forma circular se veem uma cornija e uma janella com bons lavores do ultimo periodo do estylo romano-byzantino. E' para lamentar que a obra moderna da sacristia occultasse a parede correspondente á capella-mór, tambem circular e que deveria ser ornada á similhança da que ficou, em parte, intacta. Sem aquella obra patentear-se-hiam ainda hoje aos olhos do archeologo os mais bellos vestigios que talvez nos ficaram da architectura anterior á ogival.

Com quanto as alterações interiores não sejam menores que as exteriores, a cathedral de Coimbra é, ainda assim, de todas as antigas Sés de Portugal a que menos renovações padeceu. Os pilares foram rebocados e cobertos de azulejos. Deve contar muitos seculos esta obra, pois quando em tempo do bispo D. Jorge d'Almeida se fez o magnifico retabulo de estylo ogival da capella-mór, já a parede, que ficou por detraz d'elle estava revestida de azulejo similhante. Ha memoria de terem vindo de Sevilha estes notaveis azulejos.[4]

É difficil determinar hoje por que fórma foi alterado o risco primitivo pelo côro que occupa a parte interior da nave central. Antigamente havia um outro côro em baixo, no sitio correspondente aos pulpitos [5]. O tumulo de D. Betaça estava tambem no meio da egreja, d'onde, por estorvar, se mudou para o sitio em que agora se conserva [6].

A Sé Velha de Coimbra é um dos monumentos mais notaveis do estylo romano-byzantino em toda a Europa. Por isso e por memorar a epocha gloriosa da fundação da monarchia não merece despreso os vandalismos de que tem sido objecto. N'um paiz verdadeiramente civilisado, porque a civilisação tambem se afere pelo respeito aos monumentos da antiguidade, e pela diligencia que põem os povos para os conservar, este venerando templo seria reparado com acerto em todas as partes arruinadas e expurgado dos accrescentamentos e emplastos que o deturpam. Em Portugal já não é pequena maravilha subsistir de pé, apezar dos estragos do tempo e da ignorancia ou da má vontade dos homens.

[1] N'um manuscripto da Bibliotheca Nacional encontra-se a seguinte descripção da torre antiga demolida quando se fez no claustro a obra da Imprensa da Universidade:

«A torre dos sinos fica desviada da egreja para a parte do sul, mas com serventia pelo caustro e tem nove ventanas com sinos, das quaes tres ficam inclinadas ao nascente, tres ao poente e tres ao norte, e estes são os maiores e na numero d'elles entra um de extremada grandeza a que vulgarmente chamam o Balão e tem sessenta e quatro quintaes de peso, e por cima d'elle na mesma parede está outra ventana em que está collocado o relogio e por cima d'elle um sino pequeno que dá os quartos, e esta torre tambem tem o tecto de azulejo azul e branco; e mixtas a ella estão as casas que a Sé dá para morar o sineiro»- Extractos varios tirados do Real Archivo da Torre do Tombo relativos á Historia Ecclesiastica do Bispado de Coimbra, fol. 2.

[2] Extractos varios etc.

[3] Ibidem.

[4] Noticia historica e descriptiva do mosteiro de Belem, pag. 4. No claustro da Sé Velha conserva-se ainda um baixo relevo extremamente similhante aos tres do claustro de Santa Cruz de Coimbra, attribuidos a Castilho.

[5] Extractos varios, etc.

[1] Dissertações chronologicas.

[2] Monarchia lusitana.

[3] Extractos varios, etc.

[4] Ibidem.

[5] «Tem um coro de baixo... todo de madeira de Angelim, muito bem feito, e tem por cada banda dezoito cadeiras em que se assentam os conegos, meios conegos e tercenarios, e por baixo em segundo andar tem outros tantos assentos que servem para os capellães e moços do côro e no espaldar do dito côro estão mettidos em molduras de talha doirada admiraveis quadros de pintura romana, todos de passos de Nossa Senhora, e toda esta obra de cadeiras e quadros mandou fazer o bispo D. João de Mello, excepto quatro cadeiras que ha poucos annos se accrescentaram.» Extractos varios etc. Os paineis a que se refere serão talvez os que ainda hoje se conservam no côro da Sé Nova.

[6] Ibidem.

CAPITULO IV

Porque apparecem nas provincias do Norte os vestigios mais antigos da architectura romano-byzantina.—As egrejas de Cedofeita, no Porto; de S. Miguel do Castello, em Guimarães; de Nossa Senhora de Almacave, em Lamego.—Sés do Porto e de Lamego.—Claustro de Nossa Senhora da Oliveira, em Guimarães.—Sé de Braga.—Villar de Frades.—Vestigios romano-byzantinos nas provincias do Sul.—Capella-mór da egreja do convento de Christo, em Thomar.—Egreja de Santa Maria do Olival.—Egreja de S. João do Alporão em Santarem.—Sé de Lisboa.—Refuta-se a opinião dos que a reputam edificada pelos moiros.

Quem pretender estudar os primordios da architectura portugueza, materia tão interessante como desconhecida, ha de buscar nas provincias do Norte os vestigios coevos dos de Coimbra ou anteriores. Os povos septemtrionaes, repellindo o jugo dos mussulmanos mais cedo que os do Sul, permaneciam já livres de suas invasões, pelo menos das que traziam apoz si o dominio dos invasores, ao tempo em que estes ultimos mudavam alternativamente e com pequenos intervallos, de senhor e de governo. Assim, em quanto uns nos apparecem logo no principio do seculo xi em condições favoraveis ao desenvolvimento da architectura, os outros sómente chegaram a esse estado de civilisação e de paz cento e cincoenta annos depois.

Nos districtos do Porto, Vianna, Braga e Lamego ha muito que explorar. Longe das estradas modernas, n'uma ou n'outra das povoações mais antigas, não faltarão egrejas e ermidas, cujo exame recommendamos aos que poderem fazer essas devotas peregrinações. Pela nossa parte, do pouco que vimos poremos aqui breve noticia que sirva como de guia ou principio a ulteriores diligencias. Nem daremos como incontestaveis as nossas asserções respectivas ás edades dos monumentos. Conhecemos, e com franqueza o declaramos, que a observação de maior numero de vestigios e a pesquiza de documentos que lhes digam respeito poderão invalidar as nossas conjecturas, que, ainda assim, não perderão a importancia de serem a um tempo novidade em tão velho assumpto e incitamento a futuros escriptores.

A egreja de Cedofeita no Porto, apezar de algumas renovações, é dos monumentos conhecidos o menos alterado e o que dá melhor idéa da architectura christã em Portugal no seculo xi. Em suas paredes não se vê ainda, como na Sé da mesma cidade, o grande apparelho, porém o medio, circumstancia que denota de modo provavel uma epocha mais antiga. Nos capiteis interiores predomina a ornamentação vegetal. Os da capella mór estão mais gastos que os outros e assimilham-se tambem mais aos que denominam *cubicos*. Serão mais antigos? O elemento esculptural de todos estes capiteis do interior da egreja é uma folha que parece de carvalho.

Os capiteis das portas representam figuras varias de aves e de quadrupedes. Na fórma e no lavor trazem á lembrança os do portal da egreja de Tonerre (Yonne) que caracterisam o estylo borgonhez dos fins do seculo xi ou principios do xii [1]. Aqui, porém, a esculptura das archivoltas e das columnas é mais fina e mais bem acabada que em Cedofeita. Teem uma particularidade notavel os arcos das portas d'esta egreja. Não são semicirculos perfeitos, porém formam em cima um angulo pouco perceptivel, como se vê mais claramente na porta da fachada septemtrional. Parece o principio da ogiva, tal qual se encontra em Hespanha n'alguns edificios do seculo xi [1].

Outros monumentos conhecemos que parecem contemporaneos, porém mais singelos. A egreja de S. Miguel do Castello de Guimarães, onde a tradição diz que foi baptisado o fundador da monarchia, é tambem, como a de Cedofeita, de uma só nave. No arco da porta principal nota-se a mesma disposição para a ogiva. Tem o tecto de madeira e nas lages do pavimento, uma das poucas partes do templo que escaparam a subsequentes renovações, veem-se cruzes e espadas, parecidas com as de umas pedras sepulchraes do claustro de Cedofeita. Na egreja de Santa Maria de Almacave em Lamego a archivolta da porta principal representa já melhor a ogiva, com quanto o apparelho do edificio seja o medio, como o de Cedofeita. Os capiteis estão bem conservados. Uns contém figuras phantasticas, outros folhagens. São de lavor mais apurado que os d'aquella egreja, aos quaes, todavia, se assimilham. O restante da egreja de Almacave está totalmente alterado.

De uma epocha posterior nos pareceram os vestigios que observámos nas Sés do Porto, de Braga e de Lamego, no claustro de Nossa Senhora da Oliveira em Guimarães e no convento de Villar de Frades.

Na Sé do Porto mui pouco resta da fabrica primitiva.

As paredes são revestidas de silhares graniticos, bem faceados,

[1] De Caumont, Abécédaire ou rudiment d'Archeologie, pag. 162. Um capitel da porta principal de Cedofeita e outro da egreja de S. Thiago de Coimbra representam assumptos identicos que vem a ser: leões mordidos nas cabeças por lagartos. Symbolisam as penas a que estão sujeitos os que vivem fóra da egreja. No capitel que possuimos da antiga capella-mór de S. Thiago, os leões passeiam triumphantes por entre ramagens, pela egreja libertados dos impertinentes animalejos.

[1] Caveda, Ensayo Historico, pag. 187 e 188.

Eis o que diz a respeito do arco ogival este eminente archeologo hespanhol: «Si se encuentra en algunos (templos cristianos) del siglo xi, ninguna relacion le liga con la estructura particular y las formas especiales de la fábrica. Colocado sin designio entre los de medio punto, parece como producido por el acaso, y simplemente un ornato aislado, incidental, sin consequencia..... Primero se anuncia tímidamente, y se aparta poco del semicirculo, describiendo en el encuentro de los dos arcos un ángulo no muy perceptible.....; pero bien pronto, mas pronunciada la ogiva, aparece equilátera: esto es, quedan sus lados circunscritos á los ángulos de un triángu lo equilátero cuya base es la misma abertura de las curvas, que constituyen el arco.»

com as dimensões do grande apparelho. Um oculo ou espelho, talvez do seculo XII, permanece ainda no frontispicio, profundamente alterado em todas suas outras partes, excepto nas torres. Teem estas gigantes de grande altura, como os das torres da Sé de Evora, cuja origem é menos antiga. As ventanas da parte de dentro são ogivaes, porém toscas, sem capiteis, nem columnas, nem lavores e da fórma que Caveda chamou equilatera [1]. Da parte de fóra são de volta abatida. Por cima das janellas exteriores da fachada meridional achámos uma cornija com misulas caracteristicas do estylo romano-byzantino. O arco do côro, que é o primeiro da nave central, ao fundo da egreja, é de volta abatida e estriba-se nos primitivos capiteis de folhagens. Emfim, as abobadas das naves lateraes parecem corresponder á transição do arco de volta redonda para o ogival. As alterações interiores e exteriores são ainda maiores que as da Sé de Lisboa.

Na Sé de Lamego, reconstruida em varias epochas, não vimos outros vestigios mais que tres janellas de volta redonda e com lavores romano-byzantinos na torre. A que responde ao nascente é a mais notavel e mais bem conservada.

Na egreja de Nossa Senhora da Oliveira em Guimarães pouco mais resta da edificação antiga que o claustro, cujos arcos de volta redonda se estribam em capiteis de folhagens bem esculpidas. Está, porém, tudo sobrecarregado de cal e os vãos dos arcos envidraçados. A collegiada de Guimarães não quiz ficar atraz dos cabidos que despendem as rendas das fabricas, não em conservar e reparar as sés, mas em alterar e estragar com excrescencias, rebocos e pinturas as reliquias venerandas da architectura da edade media. Dos vandalismos que observámos dentro da egreja, e que não vem aqui a proposito referir, basta dizer que ao vêl-os se recusava o espirito a dar credito ao testimunho da vista. Tão extravagantes, disparatados e até profanos parecem. O claustro, se o restituissem ao primitivo estado, o que não seria muito difficil, tornar-se-hia um dos mais bellos monumentos que em Portugal ficaram do estylo romano-byzantino. Quanto á execução artistica não duvidamos reputal-o superior a muitos claustros ogivaes construidos um ou dois seculos depois, antes do reinado de D. João I. Recordaremos, sobre tudo, a porta da vestiaria dos conegos que é muito elegante. Em seus grandes capiteis veem-se formosas esculpturas que representam cavallos reunidos pelas cabeças. N'uma parede exterior da casa do cabido ao lado do frontispicio da egreja conserva-se ainda uma cornija com modilhões caracteristicos.

A Sé de Braga, reedificada e accrescentada em differentes seculos, raros vestigios conserva anteriores á epoca da ogiva. Dentro da galilé, na porta principal, achámos dois arcos de volta redonda, concentricos e cobertos de figuras phantasticas e reaes. Os capiteis são revestidos de folhagem e guarnecidos em cima com elegantes impostas. Está mais completa a porta lateral da fachada do Sul, tambem do mesmo estylo. Em cima, na parede, vê-se uma cornija geral estribada em modilhões lisos ou em carrancas. Do outro lado da Sé, na parede exterior da capella da Senhora da Gloria, juncto de uma torre antiga ha vestigios similhantes. A pedra d'estas construcções é a arcosa ou granito recomposto, que por mais brando, melhor se sujeita ao cinzel que o do Porto.

No frontispicio da egreja de Villar de Frades, a duas leguas de Braga, conservam-se uns restos assás notaveis que muito conviria desenhar antes de se perderem. A torre, ao lado esquerdo, tem uma ventana de volta redonda e uma janella de estylo romano-byzantino, em parte obstruida com o relogio. A fachada, propriamente dita, é uma renovação moderna de pessimo gosto. Ao lado direito, porém, no principio de uma construcção, que não proseguiu, aproveitaram dois bellos arcos romano-byzantinos de uma janella e de uma porta que pertenceram provavelmente ao frontispicio antigo da egreja. Na janella não ha genuino senão a volta exterior, cornijas e capiteis. Tudo o mais é restauração moderna em que pretenderam imitar o estylo primitivo.

[1] Veja-se a nota precedente.

A archivolta do portal consta de quatro arcos concentricos. O primeiro, da parte de fóra, e o quarto ou ultimo do lado de dentro, são muito ornados, mas sem figuras. O segundo contém figuras estranhas de bispos, cavalleiros, sereias, quadrupedes, de mais de meio metro de comprido cada uma. O terceiro representa aves a devorarem figuras humanas. Tem a porta de cada lado dois capiteis com aves, serpentes, homens e outros animaes. A extrema similhança d'estes lavores com os da porta principal da Sé de Braga faz que racionalmente os attribuamos ao mesmo architecto. Tanto uns como outros, merecem particular estudo. Cremos que não será difficil interpretal-os pelas leis geraes do symbolismo christão no periodo romano-byzantino. Os martyrios dos santos eram de ordinario o assumpto preferido para a ornamentação dos portaes, para pôr na lembrança que «sómente as tribulações permittem a entrada no reino dos ceus.» Outras vezes apparecem nos capiteis e nas archivoltas os signos do zodiaco, utensilios e objectos profanos a fim de recordar quanto importa ao christão que quizer entrar no reino dos ceus deixar de traz de si todos os cuidados e preoccupações mundanas [1].

Entre o Mondego e o Tejo encontram-se alguns edificios romano-byzantinos, menos numerosos, porém não menos importantes que os das provincias do Norte. Se, por varias particularidades de sua construcção, muito interessam á historia da architectura portugueza, mais valem ainda pelas grandes tradições que lhes andam vinculadas, como venerandos monumentos que são das glorias nacionaes. Testimunhas dos assignalados feitos dos fundadores da monarchia, nasceram com a nossa independencia e sobre-viver-lhe-hão talvez firmes e alterosos, quando, para a conservar, faltarem já as forças a uma geração fraca e degenerada.

Na cidade de Thomar a egreja de santa Maria do Olival e a capella-mór da egreja do convento de Christo, edificadas pelos templarios, mostram claramente a transição do estylo romano-byzantino para o ogival. Em quanto na Sé Velha de Coimbra e nos outros templos desta cidade, anteriores ou coevos, o arco de volta redonda domina exclusivamente por toda a parte, em Thomar a ogiva, larga ainda e sem elegancia, apparece com mais frequencia que a volta caracteristica do estylo romão.

A egreja de Santa Maria do Olival é de tres naves. Os tectos de madeira apoiam-se em arcos ogivaes estribados em columnas com molduras lisas por capiteis. Dentro do templo ha tambem alguns arcos de volta redonda. Por fora, guarnece em cima todas as fachadas uma cornija muito saliente que traz á lembrança a da egreja de Cedofeita, no Porto, comquanto deva ter mediado um seculo, ao menos, entre uma e outra edificação. A porta principal e o grande oculo que tem por cima parecem mais do estylo ogival que o restante da egreja. São provavelmente, reconstrucções posteriores. Confirma, até certo ponto, esta supposição o ser de volta redonda a porta transversal do lado do norte.

Na capella-mor da egreja do convento de Christo as paredes exteriores de forma octogona, solidissimas, reforçadas com altos gigantes, coroadas de ameias, parecem, como as da Sé Velha de Coimbra, pertencer a algum edificio militar. Contrastam singularmente sua austeridade e singeleza com os rendados e lavores do corpo da egreja que el-rei D. Manuel mandou edificar. Estas duas construcções diversissimas patentêam assim manifestamente as differenças de duas epochas: uma forte, severa e guerreira; outra rica, sumptuosa e eivada por aquelle amor do luxo que precede as grandes decadencias.

A antiga egreja dos templarios, que el-rei D. Manuel transformou em capella-mór do templo que mandou edificar para os freires de Christo, é tambem oitavada interiormente.

No meio ergue-se um grande e alto corpo feito de oito arcos em correspondencia com as oito faces das paredes. Dentro dos arcos é o altar-mór. Entre elles e as paredes corre o *deambulatorium* ou charola. Todas as partes desta peça central são muito ornamenta-

[1] Du Symbolisme dans les Eglises du Moyen Age, traduit de l'Anglais. Tours 1847. Pag. 176 e 177.

das, columnas, arcos, impostas e cornijas. Difficil parecerá encontrar o espaço de um decimetro quadrado totalmente liso. Os ornatos ao gosto oriental, constando pela maior parte de desenhos geometricos, lembram o estylo d'aquelles elegantes e graciosos lavores de que na Sicilia, por influencia da civilisação sarracena, se enriqueceu a arte romano-byzantina ao tempo em que os cavalleiros da ordem do Templo edificaram o castello de Thomar. Dos monumentos existentes em Portugal não conhecemos nenhum outro onde se encontre similhante ornamentação. Trariam os templarios da Palestina ou da Italia artistas para lhes edificar a sua egreja conforme a do sancto sepulchro de Jerusalem e com os lavores orientaes? Sendo assim, explica-se muito bem a originalidade desta construcção relativamente a todas as outras do nosso paiz.

Corre vulgarmente a idêa de que os monumentos pouco anteriores ou pouco posteriores á fundação da monarchia participam do estylo arabe, por terem os christãos empregado artistas sarracenos nas construcções que fizeram. Parece-nos inadmissivel a opinião, porque tão diverso é o estylo daquelles monumentos do que os moiros usavam, que estranhamos a egreja dos templarios, só pela razão de ter alguns ornatos que nos recordam as das construcções da Andaluzia ou de algumas cidades do Oriente. Nem aos christãos agradaria empregar na edificação de seus templos os infieis, inimigos encarniçados da cruz que elles defendiam, nem os moiros se sujeitariam a levantar templos ao Deus que havia de ser invocado contra os exercitos de seus proprios irmãos. Repelliam-se as religiões de Jesus Christo e de Mafoma por tal sorte, que os moiros não nos conservaram um só templo dos godos e os christãos destruiram egualmente todas as mesquitas dos arabes.

Os capiteis, que representam em relevo folhagens e animaes, contrastando com os restantes ornatos, parecem-se com os da Sé Velha de Coimbra. Nos arcos vê-se claramente a transformação da volta redonda em ogiva. As estatuas e os baldaquinos que exornam o interior do corpo central são accrescentamentos do tempo de D. Manuel. Emfim, está tudo tão pintado e doirado que parece obra de talha e como tal o tomou já um illustrado escriptor.[1]

Que importe ás artes não ha em Santarem mais que um monumento do periodo romano-byzantino: é a egreja de S. João de Alporão. Teve a mesma sorte que a de S. Christovam de Coimbra. Fizeram della um theatro. Felizmente, porém, a transformação limitou-se a obstruil-a por dentro com armações de madeira sem lhe causar prejuizo na architectura. Sabe Deus a pena que teriam os transformadores de não fazerem obra mais aceiada e completa, reconstruindo dos alicerces, como em Coimbra, e pondo por terra aquellas paredes denegridas que não deixam crer ao forasteiro que encerram um palco e todas as suas maravilhas de bosques, palacios, ruas e cidades!

De todos os velhos edificios que subsistem de pé em Portugal é n'este que o archeologo melhor poderá provar o talento e a paciencia. A' falta de documentos authenticos abundam as lendas e tradições na historia, que, em vez de uma origem verdadeira, nos dá tres ou quatro de todo o ponto fabulosas. No interessante artigo que o sr. Mendes Leal escreveu á cerca da egreja de S. João de Alporão [2] achará o leitor largamente demonstrado que nem os celtas, nem os romanos, nem os moiros a edificaram. Todavia, no que não concordamos com o illustre escriptor é em que a origem do monumento corresponda aos principios do estylo ogival. E isto por uma razão muito simples; porque as portas não são ogivaes á maneira da do Carmo de Lisboa, como disse o sr. Mendes Leal,[3] mas de volta redonda, de volta redonda, larga, semicircular e imperfeitamente lavrada, como as das egrejas de S. Thiago e de S. Salvador de Coimbra. Os capiteis em que se estribam estas voltas representam folhas muito proeminentes e de tosco lavor. As columnas que elles rematavam eram lisas e teem pela maior parte desapparecido, pelo tempo carcomidas.

Por curiosidade e não de profissão emprehendemos este nosso estudo da architectura romano-byzantina em Portugal. Não desejamos, portanto, que se tenha por incontestavel a opinião que vamos expender á cerca do velho monumento de Santarem, mas somente como tentativa que venha a servir de estimulo e de base a ulteriores investigações.

Parece-nos ver na egreja de S. João de Alporão dois estylos e duas epochas differentes. A' primeira pertencem as paredes, a porta transversa, a principal com seu oculo e os dois capiteis do cruzeiro. As paredes são de cantaria faceada com as dimensões do meio apparelho. As duas portas teem, como já dissemos, toda a similhança com as mais antigas que se conservam em Coimbra e que remontam aos fins do seculo XI ou principios do seculo XII. O oculo de grandeza mais que mediana, em comparação da fachada que exorna, parece-se extremamente com o do frontispicio da Sé do Porto. Como elle deveria ser tambem o da egreja de S. Thiago de Coimbra, hoje substituido por uma varanda. Os dois capiteis do cruzeiro na pequena altura dos corpos ou tambores e nas grandes dimensões dos abacos são, de todos os que temos visto, os mais similhantes aos do interior da egreja de S. Salvador em Coimbra, dos quaes damos um representado na figura 4.ª da estampa 4.ª. Um dos dois capiteis de que tratamos tem folhagem, outro animaes esculpidos. Estas ultimas esculpturas parecem-se muito não somente com as de alguns capiteis do Salvador de Coimbra, que tambem representam animaes, mas até com outros da egreja de Cedofeita do Porto. Denotam uma epocha menos remota os outros capiteis interiores, a abobada e os arcos ogivaes, e correspondem muito bem aos primeiros tempos do estylo ogival.

Admittida esta distincção, não ha impossibilidade em suppor que a egreja de S João de Alporão teria seu principio no tempo do Conde D. Henrique antecedentemente ao anno de 1110 em que os moiros conquistaram Santarem, e seria acabada depois do anno de 1147 em que D. Affonso Henriques a tomou, talvez já nos fins do seculo XII. Assim, explica-se o facto com que se impugna a opinião dos que escreveram que a egreja existia já n'aquelle anno de 1147, e vem a ser: não andar mencionada nos documentos do seculo XII e em particular na concordata que Gilberto, bispo de Lisboa fez com os templarios. Uma egreja incompleta e sem servir ao culto o mesmo era que se não existira. Cremos que em 1207 já o templo estaria concluido e sagrado, pois fallecendo n'esse anno o filho de D. Affonso Henriques, D. Affonso, mestre da ordem de Malta, ali foi sepultado.

O templo de que em todo Portugal mais se tem escripto e de cuja fundação mais varias e memoraveis opiniões correm, é sem duvida, a Sé de Lisboa. E todavia não ha uma só entre essas longas discussões a que não falte a verdadeira base, que vem a ser o exame archeologico e minucioso do edificio. Bastará, por ventura, provar que os godos tiveram sé n'aquella cidade e os arabes mesquita para concluir que a basilica de Santa Maria Maior é um edificio gothico, anterior ao seculo VIII, ou uma construcção arabe? Não, por certo. Importa determinar o estylo do monumento pela observação das partes mais antigas e essenciaes de sua fabrica, a fim de se conhecer a epocha da fundação e o povo que o fundou. Ora, em archeologia, valem por aphorismos as proposições seguintes:

1.º A architectura dos primeiros seculos do christianismo não se confunde com a dos romanos.

2.º A architectura dos arabes differença-se egualmente da dos godos.

3.º A architectura christã dos seculos, que se seguiram á invasão dos arabes na Peninsula, é ainda essencialmente diversa da que usaram estes ultimos povos.

4.º A architectura christã posterior ao anno de 1000 distingue-se da anterior por feições caracteristicas.

Por tanto, pondo de parte algumas lapidas avulsas com ornatos ou inscripções estranhas ao estylo do monumento, e que por si

[1] J. da C. Neves de Carvalho. Memoria sobre o convento da ordem de Christo em Thomar. Panorama—tom. 6.º—1842

[2] Monumentos nacionaes n.º 4.º

[3] Idem, pag. 123 127.

sós de nada servem para resolver a questão, vejamos qual é o genero architectonico das partes mais antigas que escaparam ás renovações subsequentes. Temos em primeiro logar a planta, elemento importante que, em geral, dispensa qualquer outro para definir um edificio. Em forma de cruz, orientada do nascente a poente e dividida em tres naves, com evidencia está declarando não ter sido traçada senão para um templo christão ou basilica. Se a linha quebrada ou polygonal que limita da parte do nascente a capella-mór, reconstruida por D. Affonso IV, é ainda a mesma que circumscrevia a capella-mór primitiva, ninguem deixará de notar que esta particularidade pertence a outras egrejas do ultimo periodo do estylo romano-byzantino, como se vê na estampa 2.ª na planta de S. Christovam. Outra similhança advertiremos tambem, e vem a ser a existencia de uma crypta por dentro da porta principal em logar correspondente ao que occupava a de S. Christovam. Um padre, familiar da casa nos affirmou que, fazendo-se ha alguns annos certas obras no templo, apparecera no mencionado sitio um subterraneo.

O triforio em que se abrem sobre a nave central as galerias das lateraes é outro caracter commum á Sé de Lisboa, á de Coimbra e a outras cathedraes coetaneas da fundação da monarchia ou pouco posteriores, como a de Evora. A porta principal tem grande similhança com as das egrejas de Coimbra, o que melhor se verá nas estampas respectivas. Os capiteis, particularmente são muito parecidos aos da Sé Velha. Revestem as paredes exteriormente grandes silhares bem afeiçoados e com as dimensões do grande apparelho. Emfim, nas ventanas das torres achámos uma circumstancia muito notavel. Nas da frente sobre columnas com capiteis toscos estribam-se arcos de volta redonda, como o da porta principal. As dos lados, pelo contrario, são ogivaes. A fórma da ogiva, porém, é imperfeita como a das mais antigas e que parecem circumscriptas a triangulos equilateros [1]. D'aqui se deprehende que a edificação das torres da Sé de Lisboa foi na epocha da transição do estylo romano-byzantino para o ogival. O desenho que esteve no cartorio de S. Roque e que as representava com outra fórma é, por tanto, apocrypho. Fica eliminada da historia da Sé mais esta especie que até agora a complicava [2].

O sr. Mendes Leal escreveu um extenso artigo ácerca da Sé de Lisboa [3].

[1] Veja a Nota a pag. 20

[2] Os arcos das ventanas das torres da Sé de Lisboa parecem contemporaneos ou pouco posteriores á porta do templo. Os remates das torres é que sem duvida alguma são modernos. Não julgamos, porém, provavel que por cima das ventanas houvesse outras formando andares differentes. Sómente n'esse caso poderia ser verdadeiro o desenho que existiu no cartorio de S. Roque.

Monumentos Nacionaes, n.º 5.

N'este interessante trabalho litterario, como n'outros seus, elevou-se pela vasta erudição acima de quantos haviam tratado o assumpto, e, pela amenidade do estylo, corrigiu-lhe a fadigosa aridez, exornando com flores viçosas os troncos resequidos da archeologia. E', porem, defeito commum aos que tratam sciencias ou letras, ainda aos espiritos superiores, exagerar a importancia de qualquer descoberta e pretender transformal-a em principio fecundo de conclusões que nem sempre a boa critica sancciona. Ora o testimunho do cruzado inglez que assistiu á expugnação de Lisboa e a descreveu n'um documento ha poucos annos conhecido, foi a razão mais forte em que se fundou o sr. Mendes Leal para attribuir aos arabes a edificação da basilica de Santa Maria Maior. Segundo aquelle estrangeiro, logo depois de entrada a cidade pelos christãos, D. Affonso Henriques restabeleceu a sé no templo dos moiros que era de cinco naves, formadas por sete ordens de columnas, depois de purificado por um arcebispo e quatro bispos. [1] Esta disposição interior é propria das mesquitas, como se vê na de Cordova. Deveriam sem duvida corresponder-lhe no estylo os arcos que se estribavam nas columnas e todas as outras partes que desappareceram sem deixar um só vestigio que possa hoje attestar a existencia de um templo arabe, onde não vemos mais que uma basilica christã. A narração do cruzado somente, por tanto, prova que na mesquita se restabeleceu em principio a sé. A observação diz-nos com toda a evidencia que, se a primeira occupava o mesmo logar foi totalmente destruida para talvez com seus proprios materiaes se construir um templo christão. Provam-no tambem os documentos citados por Villela, apezar da ingenhosa refutação do sr. Mendes Leal [2], e ainda o codicillo do testamento de D. Sancho I que entre outros legados deixou um para a obra de Santa Maria de Lisboa, d'onde se vê que a edificação não chegara a concluir-se nos dias d'aquelle monarcha [3].

Quanto repugnava aos christãos nos primeiros tempos da monarchia o conservar os edificios arabes, demonstra-se com o desapparecimento de todos, com sua total reedificação ou substituição por outras fabricas de architectura christã. Vimos antecedentemente em relação á Sé Velha de Coimbra e agora a respeito da Cathedral de Lisboa que algumas razões ha para suppor que para a edificação d'estes templos, se demoliram as mesquitas que os precederam, de cujas ruinas renasceriam, como das cinzas a ave phenix.

[1] Port Mon. Hist. Scriptores, vol I.

[2] Monumentos Nacionaes, n.º 5.

[3] A Herculano Hist. de Port. tom. 2.º pag. 36.

NOTAS

Nota 1.ª a pag. 10, col. 1.ª

INSCRIPÇÕES DO TEMPO DOS GODOS. VESTIGIOS DA ARCHITECTURA ARABE EM MONTEMÓR-O-VELHO

Eis aqui a inscripção de Randulfina tal qual Antonio Coelho Gasco a deu na *Conquista, antiguidade e nobreza da mui insigne e inclita cidade de Coimbra*:

Carmine, hoc tumulo jacet hic quod fœmina quædam;
Ut mihi narratur, puto quod maior vocitatur.
Haec mala, dum vixit, nulli nequaquam dixit.
Munera larga nimis viduis dedit, et peregrinis.
Dulcis, grata, orbis decus, et fuit istius urbis.
Fœmina tam prudens, tam dulcis, tam pia cunctis.
Laudem quidem digna, bonitati gratissima.
Pauperibus larga, sic instituit sibi parca.
Longe tulit sibi digna in cœlo thesaurum
Randulfina jacet, hoc tumulo tumulata.
Digna Deo Cœli, divinae subdita legi.
Quam mors octavo rapit Idus Novembris.
Haec precibus pie Domino vestris curat orari.
Bis sex cenptena non inde fuit, et Era.

De modo nenhum parece esta inscripção da era de 1200 ou do anno de 1162, como entendeu Coelho Gasco. O latim usado a esse tempo em Portugal era muito mais barbaro, outra a redacção dos epitaphios, o que juntamente com o ter sido gravado em *bellissimas letras romanas* n'um antiquissimo marmore, como diz o auctor, faz que o attribuamos a uma epocha mais remota, ao tempo em que o latim se não corrompera ainda tanto e em que os caracteres romanos não tinham sido substituidos pelo gothico monachal. É possivel que a ultima linha da inscripção não fosse como Coelho Gasco a leu.

A seguinte inscripção do seculo VII existente em Evora no museu Cenaculo, parece-nos comparavel á de Randulfina e talvez de uma epocha proxima. Os caracteres são romanos e muito pouco alterados:

† Dum simul dulcem cum viro carpere vitam.
Ilico me fortuna tulit semper noxia cunctis.
Vitam dum vixi Venantiae nomen in seculo gessi.
Ter decies ac quater in pace quietos perfrui annos.
Ultimum jam solvi debitum communem omnibus unum.
Hoc loco erga meos electo quiescere proles.
Dudum quos Dominum indicavit purgatos unda lavacri.
Requievit in pace subter diem XI kal. februarii era de DCLXXXI.

Esta interpretação é do sr. João de Sousa Falcão. As pequenas variantes do original acham-se em o nosso *Relatorio ácerca da renovação do Museu Cenaculo.* Evora 1869.

Os vestigios da architectura e da esculptura arabes não são menos raros que os da arte wisigothica. Nas excavações que n'estes ultimos tempos teem feito na parte mais alta do castello de Montemór-o-Velho para o cemiterio que andam construindo, appareceram notaveis fragmentos de um edificio arabe que n'aquelle sitio outr'ora existiu. Foram um capitel, bases e fustes de columnas de marmore e ornatos feitos de certa massa em que predomina o gesso e a argilla, como pela analyse verificou o sr. dr. Francisco Antonio Alves. Estes ornatos representam varias folhas e são do mesmo gosto que os do capitel de marmore. Todos sabem que os moiros usavam muito dos ornatos esculpidos em barro para revestir as paredes das salas dos seus edificios. O capitel e as bases de marmore assimilham-se aos de estylo arabe que veem desenhados no *Album pratique de l'art industriel et des beaux-arts*—8.ᵉ année—1864.

N'um dos angulos das velhas fortificações que defendiam a parte do castello de Montemór, em que appareceram os restos a que alludimos achámos tambem sobre a muralha de alvenaria commum, como a que se encontra nos outros castellos antigos de Portugal, um fragmento de parede de uma atalaya. Foi feito de argamassa, pedaços de tijolo e pedras pequenas pelo systema que os moiros usavam, que consistia em formar de madeira ou taipa o molde da parede e lançar-lhe dentro aquella mistura.

Nota 2.ª a pag. 11, col. 1.ª

EGREJAS DE COIMBRA E SUAS CIRCUMVISINHANÇAS NO SECULO X.

No anno de 915 um certo Lucido doou a Gomado, bispo da Sé de Coimbra a egreja de Santa Maria, sita em Formoselhe. Em 927 o presbytero Adaulpho vendeu a sua egreja denominada das Santas Verissima, Maxima e Julia, no casal de Laviceto, no territorio de Coimbra, ao presbytero Cresconio. O rei Ranimiro doou em 933 ao mosteiro de Lorvão a egreja de S. Thiago de Sousellas. No anno de 943 o presbytero Pedro, por alcunha o Bahalul vendeu por 45 soldos kasimos ou antigos a egreja de S. Cucufate, no casal dos Arcos, ao presbytero Daniel, com a clausula de passar por morte d'este para o mosteiro de Lorvão. No anno de 957 Inderquina legou ao logar *(locum)* de S. Salvador, no territorio de Vizeu o seu casal de Aqualada com a egreja de S. Martinho nos suburbios de Coimbra. Em 957 o presbytero Samuel legou ao mosteiro de Lorvão duas egrejas no arrabalde de Coimbra, a de S. Bartholomeu que antecedentemente chamavam de S. Christovam e a de S. Cucufate. Em 972 Vicente, Martinho e Ayson testaram em favor do mosteiro de Lorvão a egreja de S. Vicente, no arrabalde de Coimbra. Em 980 Baharo e Tranquillo deixaram em testamento ao mosteiro de Lorvão as suas egrejas de S. Miguel Archanjo e de S. Pedro Apostolo em Tentugal e a de Santa Eulalia em Arquanio. No mesmo anno de 980 Cresconio vendeu ao mosteiro de Lorvão por 75 soldos de prata metade do seu casal *(corte)* proximo da egreja de S. Pedro no arrabalde de Coimbra.

Consta dos documentos XX, XXXII, XXXVII, XLIV, LI, LXXIII, LXXIV, CIV, CV, CXXVIII, e CXXIX do Portugaliæ Monumenta Historica—Diplomata et Chartæ.

Nota III a pag. 19 — col. 2.ª

VESTIGIOS DE ALGUMAS EGREJAS DE COIMBRA NO SECULO XII

Do antigo zimborio ou cupola da Sé Velha, deixou memoria João de Almeida Soares n'uma biographia inedita do Bispo D. Affonso de Castello Branco, a qual exta na Bibliotheca Publica de Evora. «Não sei se perverti a ordem, diz o auctor no seu estylo abstruso, ou fallando mais claro errei em não pôr primeiro o forte e apparatoso edificio da Sé com seu soberbo Pyramide que póde competir co'os do Egypto, desapparecendo nas nuvens, tendo seu fundamento no tecto do cruzeiro.»

Na egreja de Santa Cruz não se conserva da fabrica primitiva mais que um arco de volta redonda, estribado em capiteis esculpidos de folhagens, porém menos perfeitos que os de S. Christovam ou da Sé Velha. Estão estes vestigios encubertos pelo orgam, ao lado esquerdo.

As egrejas de S. Pedro e de S. Bartholomeu que, como vimos na precedente nota, existiam ja no seculo X, foram totalmente reformadas de sorte que não conteem hoje um só vestigio de sua remota antiguidade. O mesmo diremos da egreja de S. João de Almedina, onde, já no seculo XI foram sepultados alguns Bispos.

Da antiga egreja de Santa Justa, restam apenas poucos capiteis e arcos ogivaes no sitio que primeiramente occupou mais perto do Mondego. Por não ser das inscripções conhecidas daremos aqui a seguinte, extrahida do tomo 2.º das *Noticias das Egrejas do Bispado de Coimbra* manuscripto da Bibliotheca Nacional:

«IIII Idus Novembris obiit Gunsalvus Folegatus qui relinquit huic Ecclesiae tres casales, et tertiam partem de uno molendino pro suo anniversario in Oliveto, era MCLIII.»